

Monografia

Coordenadoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Faculdade Cásper Líbero

A INTERNET E A ESFERA PÚBLICA

Prof. Pedro Luiz de O. Costa Bisneto
São Paulo-SP, 30/07/2007

Sumário

Introdução	3
1 – Definição de termos da esfera pública	4
1.1 - A esfera pública de Jürgen Habermas	7
2 – Retratos sociais da esfera pública	10
2.1 – A esfera pública inglesa	12
2.2 – A Revolução Francesa	14
3 – O fim da esfera pública	17
4 – A esfera pública na Internet	19
5 – Os blogs como resgate da esfera pública	24
5.1 – O Blog do Noblat	26
5.2 – Blogs da Folha Online	27
5.3 – Blogs no Estadao.com.br	28
5.4 – Blogs independentes	30
6 – Os Portais de notícias e a esfera pública	32
6.1 – Folha Online	32
6.2 – Estadao.com.br	33
7 – A esfera pública conectada	34
8 – Objeções	37
Considerações Finais	41
Bibliografia	42
Anexos	43

Introdução

Esta monografia tem como objeto de estudo a Internet e o jornal impresso de massa, na qual se busca analisar a crise dos jornais impressos frente à chegada da Internet no palco da mídia. Como linha investigativa, buscaremos responder a seguinte questão: a atual crise que atinge os grandes jornais de massa impressos se deve a introdução da Internet e do webjornalismo no cenário midiático? Para verificar essa hipótese, será necessária a investigação de outras hipóteses secundárias, dentre elas, a investigação do fato de a Internet – que inclui o webjornalismo – ser, ou não, um meio jornalístico mais democrático do que o tradicional jornalismo impresso. Dentro dessa questão, vários fatores devem ser analisados e, um desses fatores é a hipótese que se lança dentro deste ensaio teórico.

A hipótese investigativa deste estudo é a seguinte: *a Internet, como meio midiático caracterizado pela interatividade de seus usuários, resgata a esfera pública de debates?* É necessário deixar claro que tal hipótese traz em si uma longa problemática a ser resolvida para que se chegue a uma resposta satisfatória. Uma investigação preliminar sobre o assunto traz a tona um extenso material teórico a ser estudado e, justamente pelo fato de a presente proposta se tratar de uma investigação preliminar sobre esta questão, focaremos este estudo em alguns textos básicos para tentar iluminá-la. Além da hipótese posta à reflexão, este estudo tem como objetivo saber se tal questão será de relevância ao que tange o webjornalismo como nova expressão em meio a esfera pública, ou se tal hipótese é um fator secundário que poderá ser descartado, ou relevado a uma questão de menor importância dentro do âmbito geral abordado no decorrer da investigação.

Na busca pela elucidação da presente hipótese, lançaremos mão de elementos teóricos que foram abordados entre os quais se destacam o livro de Asa Briggs e Peter Burke “*Uma história social da mídia*”, o DVD “*Jornalismo sitiado*” dos curadores Eugênio Bucci e Sidnei Basile e, principalmente, da obra clássica de Jürgen Habermas “*Mudança estrutural da esfera pública*”, que jamais poderia ficar de fora de qualquer estudo que aborde temas ligados à esfera pública. Utilizaremos também uma palestra do sociólogo Prof. Dr. Sérgio Amadeu em um seminário na Faculdade Cásper Líbero quando foi abordado o tema da esfera pública e a Internet. Além de estudarmos essas obras, faremos uma análise dos grandes jornais de massa paulistanos (*O Estado de S. Paulo* e *A Folha de S. Paulo*), e seus respectivos sites na Internet, comparando-os entre os dois meios. Assim, o presente estudo também iniciará uma investigação em tais sites para analisarmos se

eles oferecem espaços que poderemos associar a uma nova esfera pública conectada¹ que surge com a Internet, dentro do conceito fundamental do que se constitui uma esfera pública.

Nesse contexto, outro objeto de estudo que será considerado nesta monografia é o surgimento dos *blogs* dentro do cenário do webjornalismo, procurando analisar se a ascensão da *blogosfera* – um esfera midiática composta por blogs e sites autônomos/independentes de notícia e opinião – pode se encaixar dentro do conceito de esfera pública, ou dentro do conceito de que a Internet resgata a esfera pública de debates. Vale frisar que os debates ao qual são referidos à esfera pública, são os debates dentro da cena *política* das sociedades, os debates que discutem os rumos da sociedade.

1 - Definição de termos da esfera pública

Para conceituarmos o que vem a ser uma esfera pública, buscamos a definição da mesma através dos estudos do filósofo alemão Jürgen Habermas, que é a maior referência sobre o assunto. Para definir o que vem a ser uma esfera pública, em primeiro lugar, Habermas faz algumas definições dos principais termos ligados ao assunto, onde temos: público, publicar, publicidade, opinião pública e esfera pública. Em primeiro lugar, vale colocar que os termos “esfera pública” e “espaço público” referem-se à mesma coisa². Habermas então, antes de chegar na esfera pública, busca a definição do que vem a ser “público”, e coloca: “Chamamos de ‘públicos’ certos eventos quando eles, em contraposição às sociedades, são acessíveis a qualquer um – assim como falamos de locais públicos ou de casas públicas” (1984, 14). Em suma, quando nos referimos a qualquer termo como ele sendo público, significa que tal termo, que pode ser uma praça, um estádio, ou um jornal, é acessível a todos (mesmo que mediante o pagamento de algum valor, como a compra de um ingresso para assistir uma partida de futebol por exemplo).

Uma vez definido o que vem a ser público, Habermas então, trabalha em cima do conceito de opinião pública e outros termos. Embora opinião pública e esfera pública tenham significados distintos, os dois possuem uma relação direta, é o que nos coloca Habermas: “(...) no sentido de opinião pública, de uma esfera pública revoltada, ou bem informada, significados estes correlatos a público, publicidade, publicar. O sujeito dessa esfera pública é o público enquanto portador da opinião pública” (1984, 14). Fica claro que opinião pública então vem a ser a opinião das pessoas que compõem uma esfera pública, essas pessoas são, portanto, o público. Os termos publicidade e

¹ Termo utilizado pelo estudioso Yochai Benkler, na obra “*The Wealth of Networks: How Social Production Transforms Markets and Freedom*”.

² Habermas trabalhava com o termo espaço público, o termo “esfera pública” é mais utilizado por estudiosos norte-americanos. *N. do A.*

publicar referem-se ao “caráter público” (1984, 14) de algo, do espaço público inclusive – algo público é algo dotado de publicidade³ – e, verbalmente (publicar), é tornar algo público. Em comum, todos os termos têm o caráter de referirem-se ao primeiro termo acima colocado, referem-se à algo público.

Depois que define os termos acima colocados, Habermas passa então, a trabalhar em cima do conceito de esfera pública:

“A própria ‘esfera pública’ se apresenta como uma esfera: o âmbito do que é setor público contrapõe-se ao privado. Muitas vezes ele aparece simplesmente como a esfera da opinião pública que se contrapõe ao poder público. Conforme o caso, incluem-se entre os órgãos estatais ou então os mídias que, como a imprensa, servem para que o público se comunique” (1984, 14).

Vimos até aqui, que Habermas coloca ao lado dos termos de esfera pública e opinião pública, duas funções fundamentais relacionadas com os objetivos do presente estudo, são a necessidade de termos um público informado, e a função da imprensa em serviência à comunicação pública. A importância da imprensa na construção da opinião pública dentro do espaço público é um fato de relevante a este estudo e, essa função também ganha grande destaque dentro dos estudos de Habermas na denominação da esfera pública. Habermas também coloca a importância da esfera pública na construção de uma crítica ao poder, outro fator de relevância em seus estudos.

As primeiras esferas públicas mencionadas por Habermas em seus estudos, surgiram na antiga Grécia e no Império Romano, porém com características distintas das esferas públicas modernas mediatizadas pela mídia, no caso a imprensa, que surgiram a partir da emergência dos Estados modernos e da sociedade burguesa. As próprias características dessas esferas públicas antigas contrapõem o conceito de públicas, pois não eram de alcance de todos os cidadãos dessas sociedades e, em função dos objetivos deste estudo então, nos permitem um “salto na história”, levando-nos diretamente à Idade Moderna. A importância da esfera pública dentro de um Estado moderno é o que nos coloca Habermas: “(...) a esfera pública (...) passam a ter novamente uma efetiva aplicação processual jurídica com o surgimento do Estado moderno e com aquela esfera da sociedade civil separada dele: servem para a evidência política” (1984, 17).

Mais uma vez, Habermas ressalta a importância da esfera pública na discussão política, evidenciando a importância dessa característica da esfera pública. Outra característica do Estado moderno relacionada com a esfera pública da emergente sociedade burguesa é o capitalismo:

³ Habermas utilizava a palavra *Öffentlichkeit* ao referir-se à esfera pública cuja tradução literal do alemão seria “publicidade”. *N. do A.*

“(…) para fazer aflorar a esfera da ‘boa sociedade’, tão singularmente suspensa ao longo do século XVIII, mas nitidamente destacada depois dos Estados nacionais e territoriais, à base da economia do capitalismo comercial, terem aparecido após destruírem os fundamentos do poder feudal. A última configuração da representatividade pública, ao mesmo tempo reunida e tornada mais nítida na corte dos monarcas, já é uma espécie de reservado, em meio a uma sociedade que ia se separando do Estado. Só então é que, num sentido especificamente moderno, separam-se esfera pública e esfera privada” (1984, 23).

O Estado moderno surge dentro da necessidade capitalista de regulamentação do mercado. O mercado capitalista separa o público do poder, mesmo que o poder servisse para mediar os interesses de instituições capitalistas, com isso surge uma nova “casta” social que se amolda em torno desse mercado capitalista, a sociedade burguesa. É nesse momento que temos nitidamente uma esfera pública separada de uma esfera privada, como nos colocou Habermas.

Habermas destaca iniciativas anteriores à imprensa, como o uso do correio e das cartas privadas, como uma necessidade da nova sociedade comercial capitalista em receber informações comerciais. Essa troca de informações vai ganhando novas dimensões informativas que cumpriam os papéis típicos da imprensa, porém, não poderiam se caracterizar como públicas por se tratarem de mensagens privadas, característica fundamental que condiciona a mídia como fator da construção da esfera pública. Assim, Habermas destaca a importância da imprensa na construção do espaço público a partir do momento em que ela se torna de acesso ao público: “(…) assim como também só existe uma imprensa em sentido estrito a partir do momento em que a transmissão de informações regularmente torna-se pública, ou seja, torna-se por sua vez acessível ao público em geral” (1984, 30).

Como foi colocado, a esfera pública burguesa surge com a emergência do capitalismo comercial que levou o poder a se organizar nos Estados modernos, e em torno desse mercado capitalista se moldou a sociedade burguesa. Mas, especificamente, o que era essa sociedade burguesa? Habermas nos conta:

“Junto com o moderno aparelho de Estado surgiu uma nova camada de ‘burgueses’ que assume uma posição central no ‘público’. O seu cerne é constituído por funcionários da administração feudal, especialmente por juristas (...). Acrescentam-se ainda médicos, pastores, oficiais, professores, os ‘homens cultos’, cuja escala vai do mestre-escola e escrivão até o ‘povo’. (...) Assim também os ‘capitalistas’, comerciantes, banqueiros, editores e donos de manufaturas” (1984, 37).

Esta sociedade burguesa então, composta de capitalistas e prestadores de serviços, veio a compor o público, elemento primordial sem o qual não existe a esfera pública. É a partir das divergências entre o Estado e essa nova sociedade burguesa que surge um antagonismo entre esses dois setores da sociedade, como nos diz Habermas: “As autoridades provocam uma tal repercussão nessa camada atingida e apelada pela política mercantilista que o *publicum*, o correlato abstrato do poder público, acaba por revelar-se conscientemente como um antagonista, como o público da esfera pública burguesa que então nascia” (1984, 38). E este público, burguês, entra em atrito com o poder em função de questões políticas mercantilistas, passa então a desenvolver uma consciência crítica em relação às políticas deste poder, como coloca Habermas:

“(…) em função das intervenções públicas na economia doméstica privatizada é que se constitui, finalmente, uma esfera crítica (...) a referida zona de contato administrativo contínuo torna-se uma zona ‘crítica’ também no sentido de que exige a crítica de um público pensante. O público pode aceitar esta exigência tanto mais porque precisa apenas trocar a função do instrumento com cuja ajuda a administração já tinha tornado a sociedade uma coisa pública em sentido estrito: a imprensa” (1984, 39).

Nessa construção do pensamento crítico burguês, Habermas mostra que um fator primordial está em cena, a imprensa. A imprensa então, é o elemento fundamental que transforma a consciência crítica e política burguesa em uma crítica pública. O público agora tem acesso à consciência crítica política.

1.1 - A esfera pública de Jürgen Habermas

Uma vez definidos os termos e o contexto da sociedade burguesa capitalista, Jürgen Habermas passa então, a trabalhar em cima do conceito de esfera pública propriamente dito, e coloca:

“A esfera pública burguesa pode ser entendida inicialmente como a esfera das pessoas privadas reunidas em um público; elas reivindicam esta esfera pública regulamentada pela autoridade, mas diretamente contra a própria autoridade, a fim de discutir com ela as leis gerais da troca na esfera fundamentalmente privada, mas publicamente relevante, as leis do intercâmbio de mercadorias e do trabalho social” (1984, 42).

Ao analisar esta colocação, estranha-nos o fato de uma esfera pública ser composta por sujeitos inseridos dentro de uma esfera privada, e sobre esse fato singular, Habermas explica:

“Os burgueses são pessoas privadas; como tais, não ‘governam’. Por isso, as suas reivindicações de poderio contra o poder público não se dirigem contra a concentração do poder que deveria (*sic!*) ‘compartilhado’; muito mais eles atacam o próprio princípio de dominação vigente. O princípio de controle que o público burguês contrapõe a esta dominação, ou seja, a esfera pública, quer modificar a dominação enquanto tal” (1984, 43).

Assim, fica claro que, embora os burgueses componham uma esfera pública privada, eles se organizam como público, pois estão separados do poder, separados do Estado e da aristocracia da Corte. Em um diagrama, Habermas faz uma condensação do cenário onde estão o setor privado, a esfera do poder público, a esfera pública política e a esfera pública literária⁴. Do lado do setor privado encontram-se a sociedade civil composta do mercado e dos trabalhadores sociais e o espaço íntimo da pequena-família, espaço este de suma importância para o crescimento da intelectualidade burguesa: “A compreensão que o tirocínio público tem de si mesmo é dirigido especificamente por tais experiências privadas que se originam da subjetividade, em relação ao público, na esfera íntima da pequena-família” (1984, 43), diz o alemão. Para compreendermos melhor a importância da pequena-família, ela está no fato da vida pública burguesa começar dentro da própria casa, como coloca Habermas:

“As pessoas privadas que se constituem num público não aparecem ‘na sociedade’; toda vez elas, por assim dizer, destacam-se primeiro em relação ao pano de fundo de uma vida privada que ganhou forma institucional no espaço fechado da pequena-família patriarcal. Este é o local de uma emancipação psicológica que corresponde à emancipação político-econômica” (1984, 62).

Do lado da esfera do poder público, como colocamos, estão o Estado, que inclui a polícia e a Corte, a sociedade da aristocracia. No meio desses dois setores público e privado, está a dita esfera pública política, a esfera pública literária que é composta de clubes e a imprensa e, ainda, o mercado de bens culturais.

Assim como a esfera íntima da pequena-família burguesa tem papel importante no desenvolvimento da intelectualidade burguesa, o mercado de bens culturais também assume papel importante em tal desenvolvimento, como evidencia Habermas: “Interesses psicológicos também dirigem o raciocínio que se inflama nos espaços culturais tornados públicos: na sala de leitura ou no teatro, em museus e concertos. A medida que a cultura assume forma de mercadoria, (...) pretende-se ver nela o objeto próprio de discussão e com qual a subjetividade ligada ao público entende a si

⁴ Em Habermas: 1984, 45.

mesma” (1984, 44). Por ironia do destino, esse mesmo mercado de bens culturais que fomentou o surgimento da esfera pública iria, no futuro, ser responsável pelo fim da esfera pública, como veremos mais adiante.

E, como vimos na descrição do diagrama de Habermas, entre os setores público e privado temos também a esfera pública literária que Habermas destaca ser de suma importância para a construção do pensamento crítico burguês:

“A ‘cidade’ não é apenas economicamente o centro vital da sociedade burguesa; (...) ela caracteriza, (...) uma primeira esfera pública literária que encontra as suas instituições nos *coffee-houses*, nos *salons* e nas comunidades de comensais. Os herdeiros daquela sociedade de aristocratas humanistas, em contato com os intelectuais burgueses que logo passam a transformar as suas conversações sociais em aberta crítica” (1984, 45).

A importância dessa esfera pública literária é fundamental, pois são nestes espaços que, como vimos nesta citação, se desenvolve a crítica burguesa, esse espaço é então, o mesmo espaço, ou a esfera pública política, como deixa claro Habermas: “A esfera pública política provém da literária; ela intermedia, através da opinião pública, o Estado e as necessidades da sociedade” (1984, 46). São nestes espaços literários que a imprensa vai ter uma atuação fundamental, que torna o espaço literário um espaço ou esfera pública de debates que questiona os rumos da sociedade.

Fica claro então, que na medida que a burguesia desenvolvia uma consciência de seu papel na sociedade, utilizando-se desses espaços tanto nas esferas públicas como privadas, fomentada por uma imprensa de opinião, como veremos em seguida, e até mesmo em contato com uma aristocracia que também se afastava do poder do Estado⁵, ela ia desenvolvendo uma consciência crítica em relação a este poder e passaria então, a partir dessa consciência, reivindicar o seu papel dentro da sociedade.

Até aqui então, nós temos todos os elementos constituintes de uma esfera pública: o mercado capitalista, o Estado moderno, a sociedade burguesa, as esferas públicas política, literária e íntima, e também, a **mídia** (que no caso da emergente sociedade burguesa, era a também emergente imprensa escrita) e o desenvolvimento de uma consciência política e crítica dentro das esferas

⁵ Sobre isto Habermas coloca: “Enquanto a burguesia, por assim dizer excluída dos postos de comando no Estado e na Igreja, assumia pouco a pouco todas as posições-chave na economia, enquanto a aristocracia compensava esta superioridade material por meio de privilégios da realeza e uma ênfase proporcionalmente rigorosa dos banqueiros e dos burocratas que assimilava a ela e se encontravam com a ‘intelectualidade’ como que em pé de igualdade” (1984, 49).

públicas. Porém, ainda não enfatizamos a atuação dessa mídia na construção da esfera pública da sociedade moderna, o que faremos no capítulo que se segue.

2 - Retratos sociais da esfera pública

Descrevemos até agora, um cenário de uma esfera pública burguesa que teve o seu palco montado na Europa dos séculos XVII e XVIII, um cenário que inclui a imprensa escrita. A imprensa escrita vai ter um papel importantíssimo na construção da crítica burguesa como já esclarecemos, porém, creditar somente a ela a construção desse pensamento seria falta de bom senso. Mencionamos inclusive, que antes do surgimento da esfera pública burguesa, os comerciantes europeus utilizavam-se de outras formas de comunicação e mantinham uma grande tradição na transmissão de informações e conhecimentos de forma oral. A influência do jornal vai ganhar dimensões com o advento da tipografia, que surge em meados do século XVII, como vemos na passagem a seguir:

“A impressão tipográfica foi uma das maneiras de se produzir jornal, mas não a única. (...) o jornal impresso somente surgiu por volta do ano 1600, um século e meio após o advento da máquina tipográfica, inventada na Europa em meados do século XV. Todavia, neste período de cento e cinquenta anos durante o qual a tipografia esteve imprimindo somente livros, houve jornais, só que feitos a mão, as chamadas ‘gazetas manuscritas’. É bem verdade que o jornalismo multiplicou enormemente sua influência depois que se tornou tipográfico” (COSTELLA: 2001, 15).

Como vemos então, o jornal impresso vai ter a sua atuação marcada na Europa do século XVII, justamente quando temos então, o surgimento dos Estados modernos, do capitalismo e da burguesia. Porém, antes do advento da imprensa, nós já tínhamos outras formas de transmitir notícias, informações e opiniões, como vimos, as “gazetas manuscritas” e, como mencionamos, a comunicação oral. A importância da comunicação oral é fundamental pois, introduzindo-se nela a imprensa, obtemos um cenário onde os jornais vão fomentar as discussões políticas dentro dos espaços públicos. Um exemplo de como essa tradição oral era de suma importância na Europa antes do surgimento da imprensa (do século XIII ao XV) é o que nos conta Asa Briggs e Peter Burke em sua obra *“Uma história social da mídia”*: “Uma proporção relativamente alta da população florentina participava da vida política: entre quatro a cinco mil adultos homens em uma cidade de

menos de cem mil habitantes. (...) A política cultural de Florença, como a de Atenas clássica⁶, era essencialmente oral e visual. As praças da cidade, sobretudo a Piazza della Signora, eram um tipo de esfera pública nas quais se ouviam discursos e debatia-se política” (2006, 80).

Vemos então, que a tradição da comunicação oral tinha grande importância na construção de um pensamento político. Outro fato que evidencia a importância da comunicação oral, foi a sua atuação durante a Reforma Religiosa durante o século XVII, que se utilizou da tipografia na produção de livros, como nas traduções da bíblia do latim para o alemão de Martinho Lutero. Embora apoiada na prensa gráfica, grande parte do discurso ideológico-religioso reformista se fez através da comunicação oral, como nos conta Briggs e Burke: “Como somente uma minoria da população sabia ler, e menos ainda escrever, presume-se que a comunicação oral deva ter continuado a predominar na chamada era da impressão gráfica. Ela teve muitas formas distintas em diferentes contextos, indo de sermões e conferências em igrejas e universidades a rumores e boatos nos mercados e tabernas” (2006, 84). Fica claro então que, a tradição comunicativa oral na Europa vinda desde a Idade Média teve grande influência na propagação de idéias que, somadas a prensa gráfica após o século XVII, modificou tanto ideologias religiosas durante a Reforma, quanto a consciência crítica política burguesa.

A Reforma Religiosa alemã que citamos acima não se encaixa na teoria de Habermas, pois segundo Briggs e Burke – comentando sobre as teorias de Habermas⁷ – ela gerou efeitos de “privatização”, e um “deslocamento dos crentes para o domínio interior, movimento apoiado pela crença de Lutero de que a obediência ao governante era dever do bom cristão”, que também ressaltam o fato de que “Lutero não viveu em uma cidade autogovernada”, ou seja, um cenário que diferia das cidades-estado burguesas do século XVII e XVIII como vimos nas descrições da esfera pública de Habermas. Nos interessa aqui é o fato de termos uma comunicação oral que foi fomentada pela imprensa e que teve papel decisivo na construção de novas ideologias. Porém, apesar da Reforma alemã possuir um cenário diferente das cidades-estado burguesas e ressentir-se da ausência de uma imprensa de opinião, Briggs e Burke afirmam que uma esfera pública existia de fato nesta época: “Contrariamente à tese de Habermas, pode-se argumentar que a Reforma alemã contribuiu para o aparecimento de uma ‘esfera pública’, pelo menos durante algum tempo. Os escritores de panfletos usavam estratégias autoconscientes de persuasão, tentavam atingir um vasto público e estimulavam a crítica à Igreja” (2006, 88). Se não existia imprensa na Reforma alemã, existia de fato o uso da prensa de outras formas, como em livros e panfletos e, junto com a comunicação oral, de fato contribuiu para uma nova consciência, porém voltada para a religião.

⁶ Aqui, Briggs e Burke referem-se aos estudos do acadêmico canadense Harold Innis que escreveu “A civilização grega era um reflexo do poder da palavra falada”. Ver BRIGGS e BURKE: 2006, 16.

⁷ Ver BRIGGS e BURKE: 2006, 81.

Assim, dentro desse cenário diferenciado, Briggs e Burke contam histórias de diversas “esferas públicas” que surgiam na Europa durante os séculos XVI, XVII e XVIII, onde entre elas se destacam sempre o uso da prensa gráfica e intensos debates públicos, como na iconoclastia calvinista⁸, na institucionalização da imprensa na Holanda⁹, no aparecimento dos jornais oficiais e não-oficiais e o surgimento da esfera pública na França que depois se contraiu no século XVII¹⁰.

Embora esses cenários tenham sido palco de diferentes esferas públicas, muitas delas dentro do conceito de estrutural (ou temporárias), o que nos interessa são as esferas públicas conjunturais (ou permanentes)¹¹, que tiveram seu palco dentro cenário das cidades-estado burguesas. Neste cenário, que é o cenário que descrevemos através dos estudos de Habermas, alguns exemplos de esfera pública são os que melhor ilustram o uso de uma imprensa de opinião na construção de uma consciência política: a Revolução Francesa, onde uma consciência crítica levou a criação de novos ideais e, dentro dos estudos de Habermas, que se especifica diretamente ao modelo inglês de esfera pública, que teve seu desenvolvimento entre os períodos da Revolução Puritana e da Revolução Gloriosa.

2.1 - A esfera pública inglesa

A esfera pública inglesa foi o grande objeto de estudo de Jürgen Habermas, a sua atuação se segue dentro do modelo de Habermas que colocamos até agora, teve grande influência na atuação sobre o Parlamento inglês e foi palco de uma imprensa opinativa que levou a criação e ampliação de uma consciência crítica política, como nos conta Briggs e Burke:

“Os impressos também foram importantes para atrair pessoas e para conseqüente ampliação da esfera pública. Em 1641, estavam em circulação mais de 20 mil cópias do *Grande protesto* do Parlamento contra o regime de Carlos I. relatórios dos debates na Câmara dos Comuns, impressos pela primeira vez, aumentaram a audiência dos discursos parlamentares. A discussão das petições por escrito contribuiu para a cultura democrática, já que elas eram uma forma que as pessoas comuns tinham de participar da política mais ativamente do que antes, exercendo algum tipo de pressão sobre o Parlamento” (2006, 96).

A tradição da comunicação oral foi outro fator que contribuiu para os debates em diversos locais públicos, fomentando a participação popular na crítica política, como exemplificam Briggs e

⁸ Ver BRIGGS e BURKE: 2006, 91.

⁹ Ver BRIGGS e BURKE: 2006, 93.

¹⁰ Ver BRIGGS e BURKE: 2006, 94.

¹¹ Ver BRIGGS e BURKE: 2006, 107.

Burke: “A continuação da importância da comunicação oral é revelada pelos chamados Debates de Putney, em 1647, nos quais um rascunho de constituição conhecido como ‘Consentimento do povo’ foi discutido no Conselho do Exército, onde todas as categorias estavam representadas (...)” (2006, 96).

O estudioso Nigel Smith¹² destaca a importância da imprensa na Inglaterra no século XVII, como fator de destaque dentro da esfera pública política: “Nunca antes, na história britânica, a literatura escrita e imprensa desempenhou um papel tão predominante nos negócios públicos, e jamais seus contemporâneos sentiram tanto a importância dela”.

Essa cultura revela onde diversas esferas públicas, separadas geograficamente pelas fronteiras das cidades, acabaram ficando permanentes e de âmbito nacional, fazendo da esfera pública inglesa uma verdadeira instituição que tinha atuação direta sobre o Parlamento, tal fato seria impossível sem o desenvolvimento da imprensa, especialmente da imprensa não-oficial, ou seja, não governamental, e que também tiveram grande influência sob a cultura oral nos espaços públicos ingleses, como colocam Briggs e Burke:

“Foram esses jornais não-oficiais¹³ que transformaram a esfera pública temporária em uma instituição permanente, tornando a política parte da vida diária de considerável parcela da população, especialmente em Londres. Muitas vezes os jornais eram lidos em voz alta e discutidos nos cafés, que se tornaram um foro político e nos quais tanto artífices como cavalheiros, mulheres e homens tinham voz (embora nem todas fossem ouvidas com igual interesse pelos participantes)” (2006, 100).

Esse “poder” da esfera pública inglesa é destacado até mesmo pelos monarcas, mesmo antes da constituição de uma esfera pública permanente na Inglaterra, onde o governo fazia proclamações contra esses debates que aconteciam nos cafés, atribuindo-os a uma agitação política, como aponta Habermas em citação à C. S. Emden¹⁴: “*Men have assumed to themselves a liberty, not only in coffeehouses, but in other places and meetings, both public and private, to censure and defame the proceedings of State, by speaking evil of things they understand not, and endeavouring create and nourish an universal jealousy and dissatisfaction in the minds of all His Majesties good subjects*” (1984, 77).

A influência da esfera pública sobre o Poder inglês virou uma verdadeira instituição como vimos, e Habermas destaca que isto é que de fato tornou o poder em algo “público”:

¹² Ver BRIGGS e BURKE: 2006, 97.

¹³ Aqui Briggs e Burke referem-se aos jornais “The Post Man”, “The Post Boy”, “The Flying Post” e “The Protestant Mercury” que surgiram no final do século XVII e se opunham ao impresso oficial “London Gazette”. Ver BRIGGS e BURKE: 2006, 100.

¹⁴ *The People and the Constitution*, Oxford, 1956, p.33.

“Institucionalizados, tais comentário (*sic!*) e tais críticas de medidas da Coroa e de deliberações do parlamento, modificaram a natureza do poder público, chamado agora perante o fórum do público. Através disso, o poder torna-se ‘público’ em duplo sentido” (1984, 78).

As conseqüências da ‘publicidade’ do poder leva a democratização deste que a partir da institucionalização da esfera pública, onde o poder do Parlamento e da Corte passam sempre a reportar-se a opinião pública, e também a própria ampliação da participação popular na esfera do poder público, como coloca Habermas:

“(…) por fim, (…) é homologada a Reform Bill, através da qual é revista a obsoleta divisão por distritos eleitorais e passa a ser concedido também à classe média alta (na qual se recruta a massa do povo politizado) o direito de participação política: de cerca de 24 milhões de habitantes, agora quase meio milhão passa a poder votar. (…) A opinião pública se forma na luta dos argumentos em torno de algo, não sem crítica, na aprovação ou rejeição, seja ela ingênua ou plebiscitariamente manipulada (…)” (1984, 85).

Como vemos, o modelo inglês, como o próprio Habermas coloca em seus estudos, exemplifica de forma perfeita a atuação de uma esfera pública mediatizada pela imprensa sobre o poder público, onde este público passa então a ter efetiva participação nas decisões políticas que lhe concernem. A seguir então, veremos o exemplo da atuação da esfera pública na França, onde esta culminou na Revolução de 1789.

2.2 - A Revolução Francesa

A esfera pública francesa foi uma das mais atrasadas da Europa depois de advento da prensa gráfica, e quando se constituiu, foi bem ao meio da “idade das luzes”, o Iluminismo, talvez por isso mesmo, o exemplo da esfera pública francesa seja o que melhor retrata o furor político de uma esfera pública burguesa que vai contestar o poder vigente. Quanto ao fato da tardia formação da esfera pública na França, atribui-se ao controle sobre a imprensa durante o reinado de Luís XIV, como nos conta Briggs e Burke:

“Na França, por exemplo, a Fronde foi seguida pelo longo reinado de Luís XIV (que exerceu o poder de 1660 até 1715), em que a mídia era controlada, e mínima era crítica pública ao regime. A situação mudou, no entanto, durante o século XVIII, e nenhuma história da mídia pode deixar de citar o Iluminismo francês, parte do movimento europeu de educação, crítica e reforma (…)” (2006, 101).

A própria Revolução Francesa pode ser creditada ao movimento iluminista, dentro desse movimento iluminista existia a imprensa com grande atuação na propagação dos novos ideais pregados pelos filósofos da época, como nos diz Briggs e Burke:

“No fim do século XVIII, o governo francês reconheceu a opinião pública como uma entidade que necessitava ser informada; ao fazer isso, ajudou a oposição a derrubar o Antigo Regime; dessa maneira, a Revolução pode ser descrita como a continuação do Iluminismo sob outra forma. O apelo à razão, personificada como deusa, e aos ‘direitos do homem’, tratados como universais, seguiam as tradições do Iluminismo. Os *philosophers* eram venerados (...)” (2006, 103).

Como vimos, o próprio governo francês percebeu a existência de uma opinião pública e a sua força e, se existia uma opinião pública é porque ela advinha de uma esfera pública. Nessa esfera pública, a atuação dos filósofos era intensa e o uso da mídia através da imprensa também foi decisivo, assim colocam Briggs e Burke: “A revolução foi boa para a imprensa, pois havia grande número de notícias interessantes para publicar, e não faltavam leitores. (...) Jeremy Popkin, por exemplo, sugeriu que a imprensa periódica foi ‘indispensável para dar legitimidade à feitura das novas leis da Revolução, tornando o processo público’.” (2006, 104). Porém, não foi só a imprensa que teve atuação fundamental na construção do pensamento revolucionário, a comunicação oral também teve grande papel segundo Briggs e Burke: “(...) a maioria do povo francês não sabia ler. Por isso, é preciso considerar todos os aspectos do sistema de comunicação (...)” (2006, 104), que então enfatizam a importância da comunicação oral:

“A comunicação oral foi particularmente importante. A época da Revolução Francesa foi de intensos debates, discursos na Assembléia Nacional e nos clubes políticos recém-formados em Paris e outras cidades. Os debates eram orientados segundo uma nova ‘retórica revolucionária’, apelando mais às paixões do que à razão e baseando-se na ‘magia’ de palavras como *liberté, fraternité, nation, patrie, peuple e citoyen*” (2006, 104).

Embora a esfera pública francesa seja tida como o maior exemplo de construção de um pensamento que vai decidir os rumos da sociedade, contrariamente à Habermas, Briggs e Burke citam certas limitações da mesma, apesar disso, eles enfatizam a atuação da mídia na revolução:

“As limitações dessa ‘esfera pública’ francesa têm sido objeto de considerações, principalmente a exclusão virtual das mulheres. No entanto, a mídia francesa desempenhou um papel necessário, tanto na destruição de tradições antigas quanto na invenção de novas, ao tentar criar uma

nova cultura política sem igreja ou rei. Não é por acidente que a frase *opinion publique* e o termo ‘propaganda’ se tornaram de uso comum na época” (2006, 106).

E ainda, em relação à França, enfatizam: “A imprensa já era uma força na sociedade em 1789, juntamente com o clero, a nobreza e o resto” (2006, 108).

Como vimos, na Revolução Francesa, tínhamos todos os elementos constituintes de uma esfera pública dentro dos termos que levantamos através dos estudos de Jürgen Habermas onde, destacamos a esfera pública literária, que era a esfera dos filósofos que iam debater os assuntos da sociedade, da política e da estruturação do poder e, com o aparato de uma imprensa, trazia novas informações e fomentava esses debates com novas idéias, filosofias e opiniões, no fim, acabou como uma bola de neve, insuflando as multidões diante de novos ideais. Os debates dentro dessa esfera pública foi responsável pela criação e, com a ajuda da imprensa, difusão do pensamento revolucionário que culminou na queda da Bastilha em 1789.

Em parte, ao “sucesso” da atuação da mídia na Revolução Francesa, na Reforma Religiosa e na esfera pública inglesa, creditam-se dois fatores, a fragmentação das autoridades dos governos e a falta de controle dos mesmos sobre a imprensa, como nos colocam Briggs e Burke:

“No caso da Europa, a partir da Reforma, a fragmentação da autoridade religiosa e política tornou impossível o controle total pelos governos da impressão gráfica, (...) na época, a impressão com tipos móveis realizada por empreendedores independentes parece uma combinação explosiva, embora uma proporção substancial da atividade estivesse ligada a setores econômicos não relacionados com o surgimento da mídia. O fracasso dos governos europeus em controlar totalmente o que se imprimia levou a outros desenvolvimentos em termos de comunicação, começando com o transporte (...)” (2006, 108).

Destaca-se aqui, termos uma imprensa desvinculada de grandes empreendedores ou interesses comerciais, era uma imprensa de opinião que divulgava idéias e uma imprensa feita por vários produtores independentes, sem vínculos com outras instituições ou mesmo outros órgãos de imprensa, em suma, era uma imprensa fragmentada, local, ao contrário da imprensa de massa que temos hoje através dos grandes jornais impressos diários, do rádio e da televisão.

O crescimento da imprensa, principalmente a partir do século XIX, levou a mesma a criar fortes interesses econômicos que, com o passar do tempo, aumentaram cada vez mais, e isso levou ao fim da esfera pública, como veremos no capítulo a seguir.

3 - O fim da esfera pública

O jornalista e acadêmico Mauro Wilton Sousa¹⁵, em palestra para estudantes de jornalismo no Espaço Cultural CPFL (São Paulo), discorreu sobre o papel do jornalista e da esfera pública onde, referindo-se aos estudos de Habermas e outros teóricos, falou sobre “as quatro idades da imprensa” explicando como uma imprensa que nasceu opinativa, fomentadora da esfera pública, acabou se modificando e “matando” essa esfera pública.

A primeira idade da imprensa é, como intitula Wilton, a **Imprensa de Opinião**. É justamente a imprensa a qual nos referimos até agora. Data do surgimento da prensa gráfica até o crepúsculo do século XVIII e início do século XIX, ou seja, esta fase termina pouco depois da Revolução Francesa que vimos no capítulo anterior. A imprensa nesta época é caracterizada por não possuir interesses econômicos e ser livre de qualquer tipo de coação. É a imprensa da troca de opiniões nos cafés literários, de argumentação política, que media a esfera pública coletiva fomentando a discussão política e a troca de opiniões.

A segunda idade da imprensa que data do início do século XIX, é chamada de **Fase Comercial**, marca a entrada do interesse econômico na produção dos jornais, o interesse então, passa a ser a obtenção de lucro na venda de jornais. Dessa forma, a imprensa perde a sua característica de isenção total e começa não mais a propagar idéias, e sim a vender idéias. Vender idéias e interesses com o intuito de angariar leitores, de manter um público leitor, o comprometimento político já não existe mais, embora a política vá sempre fazer parte do noticiário, porém agora ela o faz objetivando o lucro com a venda do jornal. Essa fase marca a entrada do folhetim nos jornais, que eram obras literárias, romances, que eram publicados em capítulos a cada edição do jornal como uma forma de prender o leitor ao jornal. Esta fase marca também o início da entrada da publicidade nos jornais. Essa mudança de uma imprensa de opinião sem interesses econômicos para a fase comercial marca o início do fim esfera pública.

Se a fase comercial da imprensa marcou o início do fim da esfera pública, a terceira idade da imprensa, intitulada de fase do **Interesse Ideológico**, começou a partir do século XX, acaba de vez com qualquer resquício de esfera pública nos moldes que trabalhamos até agora. A imprensa já não é mais local, ela agora atinge as massas, é uma imprensa que produz jornais em escala de massa, em ritmo industrial. O interesse da imprensa então, passa a ser nas massas, é uma imprensa que media a criação da indústria cultural. O século XX marca a entrada de várias mídias de massa no grande palco da mídia, surge o *mainstream media*: o cinema, rádio e a televisão. Com isso temos um grande crescimento na indústria que produz e reproduz os bens culturais. A imprensa então

¹⁵ Ver “Jornalismo Sitiado”; Módulo: “Dos meios de comunicação de massa às gerações públicas generalizadas”.

trabalha num conceito de ideologização das massas sob o interesse comercial de difundir e expandir essa indústria cultural. Os meios de comunicação, incluindo a imprensa, passam a ser intérpretes dos interesses privados, é uma imprensa guiada pelo interesse do marketing e o capital da publicidade. Acaba o espaço da argumentação na imprensa e entra a informação, a imprensa passa também a ser um veículo de entretenimento. A imprensa que antes era um espaço de argumentação política, de opinião, se torna um espaço de troca de interesses econômicos sobre questões político-ideológicas. É o fim da esfera pública.

A quarta idade da imprensa se inicia a partir da metade do século XX, é chamada de fase das **Gerações Públicas Generalizadas**. É quando diversas instituições, Estado, empresas, organizações, igrejas etc, vão passar a buscar o seu espaço dentro da mídia (imprensa, rádio e TV), de forma a se colocarem generalizadamente na sociedade. É quando surgem as assessorias de imprensa e as relações públicas, que evidenciam o fato da importância que as instituições têm de se colocar na mídia, em mostrar suas idéias e defender seus interesses. A imprensa mostra então, uma pluralidade de interesses, a argumentação fica dispersa dentro dessa pluralidade.

E ainda, com o passar dos anos, a imprensa passa a conviver com o fenômeno da globalização, que a afeta diretamente. O capital da imprensa agora é globalizado, seja através dos grandes conglomerados de mídia, os *global players*, seja na própria comunicação veiculada, que passa a ser mista, ao mesmo tempo local e global. Outro fenômeno antagônico acontece com a imprensa, como coloca Wilton: “O processo de globalização fez com que o processo de informação esteja ao mesmo tempo generalizado e centralizado”. Ou seja, ao mesmo tempo que vários setores da sociedade buscam seu espaço na mídia de forma generalizada, o *mass media* é centralizado, com poucos emissores falando para milhões de receptores. A imprensa deixa de ser um espaço de argumentação e passa a ser o espaço da visibilidade da informação e, neste contexto, a liberdade é limitada. A esfera pública então, desaparece completamente da imprensa e passa buscar o seu espaço fora da mídia.

Ainda, no fim de sua palestra, Mauro Wilton Sousa discute o papel da imprensa hoje, onde esta está inserida dentro de um contexto de uma sociedade pós-moderna capitalista com economias globalizadas, dentro de um mercado que não é apenas local ou nacional, é mundial. A imprensa hoje é o espaço do conflito, que reflete os conflitos dentro de uma sociedade globalizada, os conflitos raciais, étnicos, sociais e econômicos. E Wilton fala sobre o surgimento de duas novas esferas públicas: a esfera pública do conflito, que reflete e debate esses conflitos; e a esfera pública midiática, onde o “estar junto na sociedade” passa pela mídia¹⁶, é a esfera que reúne o público em grandes eventos, tais como futebol, carnaval, cinema, shows etc, porém, esses espaços não são mais

¹⁶ Nada pode expressar melhor essa colocação do que a música do carnaval da Rede Globo cujo refrão diz: “Na tela da TV no meio desse povo, agente vai se ver na Globo”. N. do A.

de argumentação e discussão política, são espaços de discussão da esfera privada. E, para finalizar e ilustrar esse novo contexto da imprensa, Wilton diz: “A opinião pública hoje se sustenta através da mídia, como espaço de circulação e não mais como espaço da argumentação”. Em suma, não há mais esfera pública dentro dos conceitos que nos trouxe Jürgen Habermas.

É importante essa última passagem pois demonstra o palco da imprensa nos dias atuais: um mundo globalizado com um mercado mundial e, a partir de agora iremos tentar analisar se a Internet, que é uma mídia global, traz de volta a esfera pública política. Para isso temos que entender que essa nova esfera pública dentro deste novo contexto da sociedade que é a globalização.

4 - A esfera pública na Internet

Antes de lançarmos uma luz sobre a questão de que, a Internet resgata a esfera pública de debates ou não, vamos voltar ao diagrama de Habermas e analisar se os termos ali colocados estão presentes nos dias atuais. Habermas falava em dois setores: o privado e a esfera do poder público. Dentro do setor privado se destacavam a sociedade civil, com o seu setor de troca de mercadorias, e o trabalho social, setor esse que ainda existe, porém com um mercado agora globalizado. Dentro do setor privado existia ainda o espaço íntimo da pequena-família que, naturalmente, ainda existe nos dias atuais. Vale frisar que esse setor era composto basicamente da burguesia que de fato ainda existe hoje, embora essa burguesia não se autodenomine como burguesia. Na esfera do poder público onde se destacavam o Estado e seus aparelhos repressivos, não só perduram até os dias atuais, mas ainda tem o seu poder e seus aparelhos replicados em diversas instituições que compõem esse poder público. Não temos mais a Corte e nem uma aristocracia como a conhecíamos nos tempos das Cortes Reais, mas com ampliação do Estado e seus aparelhos, estes suplantam a existência dessa Corte aristocrática (embora ainda se fale hoje em dia em aristocracia). De qualquer forma, ainda temos nos dias atuais, um setor público e um setor privado visivelmente separados entre si, e uma sociedade civil que se organiza como público. Nos meios desses setores, Habermas colocava as esferas públicas política e literária, esta composta de clubes e a imprensa, e também, do mercado de bens culturais. Como vimos, a imprensa perdeu o seu poder argumentativo advindo de uma esfera pública literária. Os clubes ainda existem e hoje temos ainda diversas outras formas de agrupamentos de pessoas onde debates, políticos ou não, acontecem, de forma que espaços públicos (físicos) existem aos montes, locais onde a sociedade poderia estar discutindo o seu destino. O mercado de bens culturais existe e está mais forte do que nunca, é, inclusive, globalizado também. Se transplantarmos as teorias de Habermas sobre o mercado de bens de consumo onde ele dizia que este, uma vez público, ajudou a criar a autoconsciência burguesa, podemos pensar o mesmo da

Internet. A Internet é uma mídia que traz junto de si toda uma onda consumista de bens culturais e, junto desta onda, novas formas de interatividade que levam os cidadãos, conectados, a terem mais conhecimentos sobre si mesmos. Sobre esse tema em particular é o que nos fala o teórico e estudioso da Internet, Pierre Lévy, em sua obra “*Cibercultura*”:

“A cibercultura é propagada por um movimento social muito amplo que anuncia e acarreta uma evolução profunda na civilização. O papel do pensamento crítico é o de intervir em sua orientação e suas modalidades de desenvolvimento. Em particular, a crítica progressista pode esforçar-se para trazer à tona os aspectos originais das evoluções em andamento” (1999, 229).

Lévy nos fala de um movimento social amplo, liderado pela cibercultura, que é a cultura que provém das peculiaridades interativas do ciberespaço (Internet), a cibercultura expressa a cultura dos cidadãos conectados por essa rede interativa. A questão então é, essa nova forma de consumo cultural que nos traz a Internet, não teria o mesmo papel que o insipiente mercado de bens culturais nos primórdios da imprensa? Nem Lévy nos responde essa questão, pois ele mesmo diz que esse movimento social “anuncia” uma evolução na civilização, e invoca o pensamento crítico como guia para esse desenvolvimento. Ele não nos fala que de fato isto está ocorrendo mas, passado oito anos desta colocação de Lévy, estaria ocorrendo? Só uma pesquisa mais ampla à este estudo preliminar poderia responder a essa questão.

Mas, nessa explanação, acabamos deixando de lado a questão de que a Internet, e a sua peculiar forma de expressão cultural, realmente colabora para a criação de uma consciência maior dos seus usuários conectados entre si. Vimos nos estudos de Habermas que a autoconsciência burguesa era uma consciência de seu papel dentro de um mercado de bens de consumo na sociedade capitalista. Transplantando esse aspecto ao mundo atual em seu mercado globalizado e interligado pela Internet, Lévy, em sua obra “*O que é virtual?*”, nos coloca: “O consumidor não apenas se torna co-produtor da informação que consome, mas é também produtor cooperativo dos ‘mundos virtuais’ nos quais evolui, bem como agente de visibilidade do mercado para os quais se exploram os vestígios de seus atos no ciberespaço” (1996, 63). Fica claro que o consumidor, sendo co-produtor da informação, evolui com ela, isso nos leva a crer que, neste processo, ele vá criar uma autoconsciência de seu papel na sociedade e, potencialmente, criar uma consciência crítica a respeito disso que poderá levá-lo a querer fazer parte da discussão dos rumos da sociedade ao qual está inserido, sendo esta composta por um mercado capitalista globalizado.

Outro fator que Habermas trouxe à luz sobre a imprensa na Idade Moderna é: “Quando, 1709, Steele e Addison publicaram os primeiros números do *Tatler*, os cafés já eram tão numerosos, os círculos dos frequentadores dos cafés já eram tão amplos que a coesão desse círculo multiforme

só podia ser mantida através de um jornal” (1984, 58). Entendemos que nos dias atuais, com uma sociedade globalizada, onde o mercado é local e global, assim como a imprensa e os tradicionais meios do *mass media*, como vimos no capítulo anterior, a única mídia capaz de trazer uma coesão a esta dispersão é a Internet, pois ela é ao mesmo tempo local e global, e também é a única mídia que conecta todos seus usuários e as diversas redes dispersas por todo mundo nela conectadas.

Sobre a hipótese que se lança esse ensaio teórico, Pierre Lévy, sem dúvida, dá diversas pistas sobre as mudanças na sociedade com a criação de um novo espaço comunicacional interativo, pistas que nos levam a busca do elemento que nos falta para completar o diagrama de Habermas no mundo globalizado: a ausência da esfera pública. Sem dúvida, uma esfera pública que discute os destinos da sociedade pode ser chamada de democrática, e sobre a democracia no ciberespaço, Lévy nos diz:

“Para cortar pela raiz imediatamente os mal-entendidos sobre a ‘democracia eletrônica’, vamos esclarecer novamente que não se trata de fazer votar instantaneamente uma massa de pessoas separadas quanto a proposições simples que lhes seriam submetidas por algum demagogo telegênico, mas sim de incitar a colaboração coletiva e contínua dos problemas e sua solução cooperativa, concreta, o mais próximo possível dos grupos envolvidos. (...) Articular os espaços (...) visa antes compensar, no que for possível a lentidão, a inércia, a rigidez indelével do território por sua exposição em tempo real no ciberespaço. Visa também permitir a solução e, sobretudo, a elaboração dos problemas da cidade por meio da colaboração em competências, dos recursos e das idéias” (1999, 195).

Aqui Lévy nos diz que a Internet, sendo uma mídia interativa, poderia ser um espaço de discussão dos rumos da sociedade, de forma que, potencialmente, poderíamos afirmar que a Internet é a forma comunicacional que traz em si uma “tecnologia” que se permite usá-la como uma esfera pública. É um espaço que poderia servir como a esfera literária do século XVIII, um espaço onde as pessoas poderiam buscar informações e argumentar politicamente mesmo que separadas fisicamente, porém se de fato a Internet se dá a esse espaço é outra questão que merece uma resposta satisfatória.

Esses espaços virtuais de debates poderiam ser as chamadas “comunidades virtuais”, Lévy coloca essa questão, contrapondo a Internet aos *mass media* que acabaram com o espaço público, como vimos no capítulo anterior:

“A maioria das comunidades virtuais estrutura a expressão assinada de seus membros frente a leitores atentos e capazes de responder a outros leitores atentos. Assim (...) longe de encorajar a irresponsabilidade ligada ao anonimato, *as comunidades virtuais exploram novas formas de opinião*”

pública. Sabemos que o destino da opinião pública encontra-se intimamente ligado ao da democracia moderna. A esfera do debate político emergiu na Europa durante o século XVIII, graças ao apoio técnico da imprensa e dos jornais. No século XX, o rádio (...) e a televisão (...) ao mesmo tempo deslocaram, amplificaram e confiscaram o exercício da opinião pública. Não seria permitido, então, entrever hoje uma nova metamorfose, uma nova complicação da própria noção de ‘público’, já que as comunidades virtuais do ciberespaço oferecem, para debate coletivo, um campo de prática mais aberto, mais participativo, mais distribuído que aquele das mídias clássicas?” (1999, 129).

Apesar de Lévy terminar essa colocação com uma interrogação, ela tem implícita uma resposta positiva. Sem dúvida, pelas suas peculiaridades interativas, a Internet, bem como a imprensa no século XVIII, serve como aparato técnico para o resgate da esfera pública em alternativa aos *mass media* que, como vimos no capítulo anterior, irradiam a informação de poucos para muitos, afinal, em contraposição a isso, o ciberespaço permite a comunicação de todos com todos.

Como vimos no exemplo da Revolução Francesa, o Iluminismo teve um papel fundamental na criação de uma esfera pública. Os ideais iluministas e seus filósofos foram de imensa valia para a construção da consciência crítica burguesa que precederam a revolução. Lévy defende a teoria de que a cibercultura é, de certa forma, um resgate aos ideais iluministas e, portanto, subentende-se, um resgate da esfera pública:

“Em contraste com a idéia pós-moderna do declínio das idéias das luzes, defendo que a cibercultura pode ser considerada como herdeira legítima (ainda que longínqua) do projeto progressista dos filósofos do século XVIII. De fato, ela valoriza a participação em comunidades de debate e de argumentação. Na linha direta das morais igualitárias, encoraja uma forma de reciprocidade essencial nas relações humanas. Desenvolveu-se a partir de uma prática assídua das trocas de informações e de conhecimentos, que os filósofos das luzes consideravam como sendo o principal motor do progresso” (1999, 245).

Assim, podemos afirmar, tendo como pano de fundo a Internet como a mídia do palco cuja peça é a cibercultura, que ela, de fato, pelo menos de forma potencial, resgata a esfera pública, já que é um veículo que tem dentro de si, espaços para argumentação e o debate.

Como vimos também no capítulo anterior, o estágio atual da mídia é o espaço do conflito, surge assim, a esfera pública do conflito. Ao passo Lévy que abre a possibilidade para que a Internet seja o palco para o resgate da esfera pública, ele coloca que a cibercultura, embora resgate ideais da idade das luzes, também, de certa forma, recai dentro dessa esfera pois é uma expressão de conflito:

“A cibercultura surge como a solução parcial para os problemas da época anterior, mas constitui em si mesma um imenso campo de problemas e conflitos para os quais nenhuma perspectiva de solução global já pode ser traçada claramente. As relações com o saber, o trabalho, o emprego, a moeda, a democracia e o Estado devem ser reinventadas, para citar apenas algumas formas sociais mais brutalmente atingidas” (1999, 246).

Em suma, mesmo que a Internet tenha consigo a tecnologia e os fundamentos ideológicos que resgatem a esfera pública, até mesmo Lévy coloca a necessidade de se reinventar as relações que citou, de forma a solucionarmos os problemas advindos de uma época que marcou o fim da esfera pública.

Pierre Lévy não é o único teórico que partilha da idéia de que a Internet é o caminho para o resgate da esfera pública, mesmo sem afirmar isso diretamente. O jornalista e estudioso Eugênio Bucci¹⁷, referindo-se a Paris revolucionária do século XVIII, faz um paralelo daquela época com a Internet. Ele conta que Paris, pouco antes da revolução, contava com centenas de diferentes títulos de periódicos que eram distribuídos gratuitamente para a população, e assim se faziam os debates políticos. Os jornais eram então, os vasos condutores que oxigenavam a formação da opinião pública. Tal processo, de efervescência de idéias, era baseado numa idéia central que surgia na época: *todo poder emana do povo, portanto o povo precisa ter informação para poder delegar poder, portanto a informação é um direito fundamental do cidadão*. Tendo essa idéia como paradigma, tal efervescência de idéias é o que acontece nos dias atuais através dos meios digitais. Tais meios são, segundo Bucci, formadores de opinião pública que de alguma forma interferirão nos negócios públicos e, dentro deste contexto, a mediação do jornalista é muito importante e vem de encontro com o que está acontecendo com a Internet. Em suma, o fundamento da idéia nascida no século XVIII, onde a informação é um direito fundamental do cidadão, reaparece com força através da Internet e, para ilustrar melhor essa colocação, Bucci diz: “Na era do digital, o cidadão tem mais condição de chegar à informação, ou ao obstáculo que o separa da informação”.

Vemos então que a informação, sendo parte fundamental na construção da esfera pública, é muito mais acessível através da Internet, portanto a Internet tem, neste aspecto, condições de resgatar a esfera pública.

Outro fator que deve ser analisado, e em parte esse estudo ainda o fará, é um estudo maior sobre o impacto da Internet sobre os *mainstream media* (em especial, a TV). Pois como vimos, quando a imprensa surgiu, ela teve um impacto sobre a comunicação oral que era predominante em sua época. Hoje, sob o domínio da TV, seria necessário um estudo mais aprofundado deste

¹⁷ Ver “Jornalismo Sitiado”; Módulo: “O papel da mídia na sociedade digital”.

cenário onde um veículo com novas características apareceu, onde Internet e televisão são co-atores dentro do contexto mais amplo da comunicação.

Como vimos até agora que a Internet, pelo menos de forma potencial, cultural, técnica, ideológica e informativa, é um caminho que pode resgatar a esfera pública. Encontramos na Internet e na atual sociedade, os elementos que Habermas dispôs em seu diagrama, atualizados dentro de um mundo globalizado e palco de uma nova mídia interativa. Porém, se isto de fato está acontecendo – a volta da esfera pública – mesmo que num estágio inicial, uma efetiva pesquisa de campo se faz necessária para vermos se concretamente (mesmo que num terreno virtual) encontramos iniciativas dentro da Internet que nos possam levar a elucidação dessa questão, e é o que tentaremos fazer nos próximos capítulos desse estudo.

5 – Os blogs como resgate da esfera pública

Os blogs são uma das mais recentes modalidades de jornalismo na Internet, embora ele não seja um fenômeno que esteja ligado diretamente ao webjornalismo, como nos conta o jornalista Wagner Barreira¹⁸. Apesar de ser um fenômeno e de ser utilizado por diversos jornalistas, o blog é uma ferramenta muito distinta do tradicional jornalismo, ou até mesmo do webjornalismo sob a forma dos grandes portais de notícias e/ou dos tradicionais jornais impressos em suas versões on-line. A grande diferença dos blogs para as instituições mais tradicionais do jornalismo está, segundo Barreira, na ausência de uma instância mediadora das informações veiculadas, na falta de comprometimento com a verificação das informações, na preocupação em ouvir todos os lados envolvidos na notícia de forma equilibrada e isenta, fatores que são fundamentais para um jornalismo de qualidade.

Tudo isto é fato, porém se fizermos um estudo, encontraremos a ausência de tais instâncias em jornais tradicionais e de renome, de modo que o reverso da moeda também pode ser verdadeiro, esta porém, é uma discussão que não cabe aqui. Aqui nos interessa justamente isto, o fato dos blogs serem espaços virtuais que servem para o discurso jornalista isento de mediações, isento de coações. É um espaço onde jornalistas e até mesmo qualquer cidadão podem escrever sem atender a interesses comerciais ou a linhas editoriais, o que de certa forma os torna um espaço muito parecido com os jornais que datam da primeira fase da imprensa. Os blogs são de fato um espaço onde se pode opinar e argumentar com liberdade e, assim como nas esferas literárias do século XVIII, sempre oferecem espaços para réplicas e tréplicas, de forma que também se constituem num espaço de debates.

¹⁸ Ver “Jornalismo Sitiado”; Módulo: “Blogs e jornalismo on-line”.

Quanto a isto que foi colocado, podemos citar a opinião de Barreira que acredita que os “blogs subvertem a ordem do jornalismo tradicional”, ele também enfatiza que o jornalismo tradicional (referindo-se aos impressos) ainda é o palco da discussão política que pauta os rumos do país, o palco por onde passa a discussão pública, os blogs por sua vez, subvertem esta ordem e fazem a discussão partir da base¹⁹.

Na contra-mão do pensamento de Barreira está o estudioso de mídia Venício Lima²⁰, este concorda que a mídia, através da televisão e da mídia impressa (onde ele exemplifica isso se referindo a Revista Veja e ao Jornal Nacional), é quem media as discussões políticas, a questão é se tal mediação vai de encontro com o interesse público ou de encontro com o interesse da própria mídia. Apesar de colocar essa questão, através de seus estudos, Lima deixa claro que isenção e defesa do interesse público através da mídia tradicional é algo muito questionável, sobretudo no Brasil que apresenta uma concentração de mídia sob a forma de monopólios horizontais²¹ e verticais²².

Outro jornalista que se refere aos blogs como um caminho de disseminação de informação e opinião para a sociedade é Nelson Blecher²³, que enfatiza que os blogs permitem a troca de opiniões numa relação jornalista/leitor mais igualitária. Os blogs são ferramentas que mudam a relação de absorção da informação, democratizando-a. Ele acredita ainda que o “fenômeno” dos blogs ainda tende a se expandir.

Sobre a questão da Internet como “veículo democratizante” da informação, Lima discorda de Blecher, pois crê que o alcance de tal mídia ainda é muito pequeno no Brasil, mas enfatiza que este é um problema geral do país, onde ainda as mídias tradicionais também têm uma penetração menor do que potencialmente teriam caso o Brasil fosse mais desenvolvido, o analfabetismo ainda é outro fator que agrava essa situação. Porém, vale frisar que este estudo não se refere somente ao Brasil e acreditamos que a Internet é de fato mais democrática como veículo em si, e não em relação a sua penetração na sociedade, pois permite a interação de seus usuários e possui custos baixos para se publicar um site. Neste aspecto as colocações de Blecher vão de encontro com hipótese da Internet resgatar a esfera pública.

¹⁹ Nestas colocações de Barreira fica uma dúvida se tal opinião é dele mesmo ou se ele está falando em nome do Grupo Abril, o qual estava representando na palestra em questão. *N. do A.*

²⁰ Ver “Jornalismo Sitiado”; Módulo: “A lógica do espetáculo sobre a lógica de imprensa”.

²¹ Monopólio horizontal refere-se à concentração de veículos de mídia dentro de um mesmo setor. Ver LIMA: 2004, 96.

²² Monopólio vertical refere-se à integração de diferentes etapas da cadeia de produção e distribuição. Ver LIMA: 2004, 99.

²³ Ver “Jornalismo Sitiado”; Módulo: “A lógica do espetáculo sobre a lógica de imprensa”.

Já o jornalista Eugênio Bucci²⁴ acredita que os blogs "são novas vozes sobre os fatos que são apurados e debatidos", e isto é outro fator que remete a uma esfera pública mediatizada por uma imprensa opinativa, como era nos primórdios da imprensa.

Nessas colocações de diversos jornalistas sobre os blogs, diversas vezes foram feitas referências ao “*Blog do Noblat*”. Tal blog é uma unanimidade quando se fala de blogs e jornalismo, por este fator, o primeiro blog que investigaremos será justamente esse.

5.1 – O Blog do Noblat

O Blog do Noblat (<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>, 24/07/2007)²⁵, destaca-se logo ao se navegar por sua página principal por estar sitiado dentro do site do jornal “O Globo”. Entre manchetes de destaque no centro da página, uma coluna à direita contém *banners* promocionais de produtos e serviços. Nesta data que acessamos tal site, se destacava como manchete principal uma frase de um leitor, parente de um passageiro do trágico vôo da TAM que caiu no aeroporto de Congonhas: “Um funeral dura 24 horas. Nós estamos vivendo o velório há cinco dias” e, ao lado, no espaço dedicado às propagandas, um *banner* rotativo apresenta uma promoção de passagens aéreas da Varig. Tal fato pode mostrar a independência, ou mesmo imparcialidade do blog, porém parece ser no mínimo indelicado tal propaganda ao lado de tal frase, parece que o blog demonstra mais comprometimento com os anunciantes do que com os usuários. Tal fato, sob o olhar dos teóricos da publicidade, pode ser considerado uma aberração.

Na página principal do blog, as notícias e colocações de destaque referem-se em maioria quase absoluta ao acidente em Congonhas e a crise aérea brasileira, encontramos apenas uma notícia de cunho político que se refere ao caso do senador Renan Calheiros. Além de trazer apenas notícias que já são exaustivamente veiculadas pelas mídias tradicionais, alguns destaques são reproduções de jornais como o próprio “O Globo” e “O Estado de S. Paulo” entre outros.

Tentamos acessar o menu “Arquivo” para ver se encontrávamos mais notícias de cunho político, mas fomos impedidos pois para acessar as demais áreas do blog é necessário ser assinante do “Globo on-line”.

Fica claro que o Blog do Noblat, apesar de ser um dos mais notórios do país, parece não ser um espaço de argumentação política alternativo como esperávamos que fosse. As propagandas do site e seu vínculo com um grande portal de notícias o comprometem como um veículo isento e livre de coações, como se espera de um veículo jornalístico que siga os moldes que traçamos até aqui para que seja fomentador de uma esfera pública, mesmo que na Internet. Apesar de oferecer espaço

²⁴ Ver “Jornalismo Sitiado”; Módulo: “O papel da mídia na sociedade digital”.

²⁵ Ver anexo 1.

para comentários de seus usuários, o site não demonstra um jornalismo de cunho opinativo, parece-se mais com um veículo tradicional de mídia em uma versão para a Internet.

Se utilizarmos este blog como exemplo de um espaço digital que resgata a esfera pública, somos obrigados a concluir que os blogs, apesar de tecnologicamente oferecerem um espaço para discussão, não são espaços que resgatam a esfera pública dentro dos moldes que traçamos nos estudos de Habermas.

5.2 – Blogs da Folha Online

No site da Folha Online (<http://www.folha.uol.com.br/>, 24/07/2007), uma coluna à esquerda com diversas sessões contém um link para os blogs. Em tal link encontram-se onze links para diferentes blogs, cada um remete a um tema específico, tais como cultura, tecnologia, vida cotidiana, cinema, esportes etc. Apenas dois blogs fazem referência à política, justamente os dois primeiros que aparecem na lista, que são o blog do jornalista Josias de Sousa “Nos bastidores do poder” e o blog da jornalista e vereadora de São Paulo, Soninha Francine, o “Blog da Soninha”. Fica claro que não podemos atribuir uma isenção total a tais blogs (neste tópico e também no próximo onde analisaremos sobre os blogs do Estadão.com.br), justamente pelo fato de tais blogs estarem vinculados a grandes veículos de imprensa que, como estudamos, estão dentro do contexto que colocamos a respeito da mídia nos dias atuais, onde esta é fomentadora da Indústria Cultural e atende a interesses do mercado globalizado controlado por grandes conglomerados de mídias de capital transnacional, como vimos nas colocações do estudioso Venício Lima.

No blog do jornalista Josias de Sousa²⁶ finalmente encontramos um jornalismo de opinião, com colunas do próprio jornalista com diferenciados temas relativos a política, principalmente da esfera federal. O site apresenta além de texto, imagens, vídeos, charges e qualquer tipo de multimídia como é peculiar da Internet. Cada inserção do blog é acompanhada de diversos comentários dos internautas, porém a liberdade de expressão é limitada, pois ao enviar um comentário, este só é publicado após a aprovação do proprietário do blog e há também uma limitação no número de caracteres dentro dos comentários a serem publicados. Ao publicar um comentário, o internauta tem a opção de colocar seu e-mail e endereço de seu site/blog, ou até mesmo qualquer link que queira, de modo que o blog favorece a interatividade entre seus usuários. Ao contrário do Blog do Noblat, este blog (assim como os demais blogs vinculados à Folha Online), não restringem o acesso às publicações mais antigas do site. A este blog não podemos atribuí-lo a um espaço que resgata a esfera pública por causa das restrições que colocamos. Outra restrição é o

²⁶ Ver anexo 2.

fato do jornalista não responder aos comentários dos internautas, o debate jornalista/internauta é então, inexistente.

No Blog da Soninha²⁷, apesar desta ser vereadora, raras são as colunas que se referem à política, o maior enfoque do blog é o esporte, em especial o futebol, isso se deve pelo fato óbvio da vereadora ser uma jornalista esportiva. O formato do blog, da publicação dos comentários e tudo mais, segue o padrão que descrevemos acima no blog do Josias, portanto a liberdade de expressão é também limitada. A única diferença que encontramos foi o fato da vereadora comentar algumas respostas dos usuários dentro do espaço dedicado a publicação das notícias, que se transforma então, num espaço de réplicas e tréplicas. Apesar dos recursos da Internet, o Blog da Soninha se ressentido de conteúdo multimídia. Embora seja um blog de uma vereadora, teríamos de ser muito otimistas para atribuir tal espaço a um resgate da esfera pública, pois a vereadora não faz jus ao cargo e utiliza seu blog mais para comentários sobre futebol do que para a política. O que poderia ser um espaço de contato e troca de idéias entre a vereadora e suas bases é apenas um espaço de escassos comentários políticos, mais voltado para o “mundo da bola”.

Através dessa análise, fica impossível atribuir aos blogs da Folha Online o resgate da esfera pública de Habermas, de onze blogs oferecidos pelo site, apenas um se dedica exclusivamente à política e, como enfatizamos, o vínculo de tais blogs com o jornal nos crê limitar a liberdade de expressão deles, além das linhas editoriais de tais veículos. Veremos a seguir se o mesmo ocorre nos blogs do Estadão.com.br.

5.3 – Os blogs do Estadão.com.br

O Portal do Estado de S. Paulo na Internet (<http://www.estadao.com.br/>, 24/07/2007), possui uma barra de menu no topo de onde se pode acessar os blogs. O site oferece quinze blogs, onde se destacam os seguintes assuntos: desenvolvimento global, advogado de defesa, blog da revista, automóveis, Internet e mundo digital, televisão, esportes, cultura, cinema, globalização, educação etc. Dentre esses blogs, três deles falam sobre política, são os blogs dos jornalistas Daniel Piza, José Marcio Mendonça e Marcos Guterman.

No blog do jornalista Daniel Piza²⁸, o destaque principal não é a política, e sim cultura e futebol (o *subject* do blog diz: cultura, futebol e, vá lá, política), de modo que podemos descartar tal espaço como um resgate da esfera pública, inclusive pelo fato de não encontrarmos nenhuma notícia política em destaque nas primeiras páginas do blog, a não ser um comentário sobre a morte do senador Antonio Carlos Magalhães. Usaremos tal blog apenas para analisar a estrutura dos blogs

²⁷ Ver anexo 3.

²⁸ Ver anexo 4.

do Estadão.com.br. Os blogs do Estadão não apresentam restrições de publicações de mensagens e nem de números de caracteres, o blog apenas avisa que mensagens que infringirem a lei ou tiverem conteúdos obscenos, ofensivos ou fora do escopo do blog serão apagadas, mas isto depois de já terem sido publicadas, de forma que a liberdade de expressão não é limitada. A própria disposição dos comentários favorece a leitura, é possível também se publicar o e-mail e uma URL junto ao comentário, facilitando a interatividade. Também não há restrições de acesso as notícias mais antigas do blog. Um adicional que os blogs do Estadão têm em relação aos blogs da Folha Online é que estes oferecem um sistema de busca dentro do blog, outro fator que facilita a navegação dentro do mesmo.

O blog do jornalista José Marcio Mendonça²⁹, é dedicado exclusivamente à política, cada inserção é seguida de vários comentários dos internautas, o Jornalista porém, não responde aos comentários e, pelo que observamos, faz apenas uma inserção diária focando assuntos de destaque na mídia política. Poderia ser um espaço que resgata em parte a esfera pública, só não o é pois faltam réplicas e tréplicas entre o jornalista e seus usuários.

O blog do jornalista Marcos Guterman³⁰, aborda política internacional. Se pensarmos no contexto do mercado da sociedade burguesa dos séculos XVII e XVIII, e o contexto do mercado atual globalizado, este é o blog que mais se aproxima de uma esfera pública de debates nos moldes de Habermas dentre os blogs que analisamos até aqui, pois aborda a política internacional. A restrição fica no fato de que, assim como no blog anterior, o jornalista não responder aos comentários dos internautas.

Através dessa análise dos blogs até aqui, podemos concluir que os blogs no Estadão têm, potencialmente, mais possibilidades de resgate da esfera pública, além de possuir mais blogs voltados à política do que os blogs da Folha Online. Existem outros blogs no Estadão que concernem aos rumos da sociedade, que abordam assuntos de maior relevância, tais como educação e globalização. Aos blogs porém, tanto no Estadão.com.br como na Folha Online, falta o debate, desconfia-se que as tais ferramentas são utilizadas apenas a título de manter o site em conluio com as novas tecnologias de maneira que não são utilizados da forma como poderiam ser: fomentadores do debate e da criação de uma consciência crítica dentro dos assuntos a que estão vinculados, estimulando um debate maior.

Como vimos através dos blogs que analisamos, eles possuem a tecnologia que permite o debate jornalista/internauta, porém isso raramente acontece. Nesse sentido, tais espaços são espaços de colocação de opiniões, e não espaços de debates. Portanto concluímos que muito precisa evoluir em termos de uso de tais espaços para que eles ganhem relevância e se transformem de fato numa

²⁹ Ver anexo 5.

³⁰ Ver anexo 6.

esfera pública pois, até onde pudemos analisar tais espaços não se dão ao debate como poderiam se dar e alguns oferecem uma liberdade de expressão limitada. Veremos a seguir se o mesmo ocorre nos blogs independentes, blogs que não estão vinculados a nenhum grande jornal ou grande veículo de mídia.

5.4 – Blogs independentes

Para chegarmos aos blogs independentes utilizamos o site de busca *Google* e, através da busca avançada que o site oferece, colocamos as palavras: blogs, blog e política. O resultado de tal busca nos levou aos seguintes blogs:

- **Alto Volta:** O carioca David Butter faz excelentes e ácidas análises políticas do cenário brasileiro e internacional;
- **FYI:** Paulo Modé é brasileiro, mora na Virgínia e é liberal até a última raiz do cabelo. Sempre uma alternativa saudável ao pensamento único da imprensa brasileira;
- **Yabbai:** Rafael Caetano comenta, com muito humor e fotos a granel, a política mundial;
- **O Barnabé:** Um funcionário público de Brasília nos brinda com sua visão única e sagaz dos círculos internos do funcionalismo público federal;
- **Política Pura:** Blog de debate político;
- **Blog do José Dirceu:** Um espaço para a discussão do Brasil.

Uma navegação prévia em tal lista nos fez escolher os seguintes blogs para análise: O Barnabé (<http://obarnabe.blogspot.com/>, 24/07/2007), Política Pura (<http://politicapura.blogspot.com/>, 24/07/2007) e o blog do José Dirceu (http://www.zedirceu.com.br/index.php?option=com_content&task=blogsection&id=11&Itemid=37, 24/07/2007). O critério de tal escolha foi o cunho político de tais blogs. Os blogs que abordam assuntos genéricos, onde a política não é o único destaque, foram descartados. Vale destacar que utilizamos tal sistema de busca (*Google*) pois imaginamos ser este o caminho mais comum utilizado pelos internautas. Descartamos nesta busca também, os blogs que estavam vinculados a qualquer veículo de mídia, sendo alguns deles, aqueles que analisamos nos tópicos anteriores.

O blog “O Barnabé”³¹ apresenta um cunho de crítica política, possui espaços para comentários e *feedbacks*, porém não encontramos sequer um único comentário em qualquer uma das notícias do blog, o que já o descarta como um blog onde o debate político nos moldes de uma esfera pública estaria acontecendo.

³¹ Ver anexo 7.

O blog “Política Pura”³² também apresenta um cunho de crítica política, mantido por um português, as críticas do site vão em direção de questões relativas ao cenário europeu e a política de Portugal. Assim como no blog “O Barnabé”, não encontramos comentários sobre as notícias publicadas demonstrando a ausência de debate no site.

O blog do político petista José Dirceu³³, na verdade, é apenas mais uma área específica dentro do *website* do político. O blog apresenta várias matérias colocadas pelo político e diversos comentários dos internautas. Com a opção de se publicar e-mails e enviar as notícias a outros internautas, o blog facilita o contato entre os seus usuários. Não encontramos réplicas do político em relação aos comentários, mas se o blog não se dá ao debate, pelo menos serve de contato entre o político e suas bases, onde este pode saber o que os leitores estão pensando a respeito das questões colocadas. Não podemos colocar esse blog como um exemplo de resgate da esfera pública, mas fica claro que esse tipo de iniciativa – um canal de comunicação entre um político e o público – é muito importante dentro de um país democrático.

Ao analisar todos esses blogs que até aqui colocamos, em nenhum dos casos pudemos bater o martelo na mesa e afirmar com todas as letras que qualquer um deles seja um exemplo claro de resgate da esfera pública. Mesmo que encontrássemos um blog com notícias opinativas e fervorosos debates políticos, não poderíamos atribuir a apenas um blog, ou mesmo a uma dúzia deles, o resgate da esfera pública. Embora os blogs que acessamos não tenham essa “força” política, o conjunto da totalidade dos blogs pode ter – tal conjunto hoje possui nome próprio inclusive, blogosfera – como veremos mais adiante no capítulo 7.

De qualquer forma, ficamos decepcionados com essa análise preliminar dos blogs que investigamos. Os blogs independentes mostraram ausência de debates, e os blogs vinculados a grandes veículos de mídia impressos, que são de suma relevância como veículos informativos e que poderiam concentrar mais atenções dos internautas, focando essa atenção em direção ao debate político, não o fazem, mais se parecem com uma coluna jornalística inserida dentro de um jornal que, mesmo com os recursos interativos da Internet, mais se assemelham com seus irmãos impressos, exceto pelos comentários dos usuários, nada de especial a que poderíamos atribuir o resgate da esfera pública foi encontrado. No blog mais notório do Brasil, o Blog do Noblat, a decepção foi total, pois nele ficou claro que tal espaço segue a lógica da imprensa comercial e não a lógica da imprensa opinativa.

Veremos no capítulo a seguir se dentro dos grandes jornais de massa paulistanos em seus respectivos portais da Web, existem espaços que podemos atribuir ao resgate da esfera pública na Internet.

³² Ver anexo 8.

³³ Ver anexo 9.

6 – Os Portais de notícias e a esfera pública

Como vimos no capítulo 3 deste estudo, os jornais que nasceram opinativos, hoje seguem a lógica da imprensa comercial ideológica, que sustenta a indústria cultural e, neste contexto, são veículos de entretenimento também. A palavra de ordem dos jornais é a informação e, tal imprensa que nasceu opinativa, hoje é informativa. Embora os jornais sejam veículos que priorizem a informação, ainda existem espaços opinativos dentro destes veículos, como coloca o jornalista Eugênio Bucci³⁴, enfatizando que nos idos do jornalismo os jornais eram exclusivamente opinativos e hoje, tais espaços ficam relegados aos editoriais e algumas colunas de jornalistas.

Como a imprensa de opinião é feita através de editoriais e colunas, e como já analisamos os blogs de jornalistas dentro desses jornais na Internet, espaços que, como vimos, são muito parecidos com as colunas dos jornais impressos, focaremos a análise a seguir em cima dos editoriais dos jornais dentro das editorias políticas dos mesmos.

6.1 – Folha Online

No portal da Folha Online (www.folhaonline.com.br, 25/07/2007) não encontramos nenhum editorial, e nenhum link intitulado “política”, a política fica inserida em dois links, ou editorias, intitulados “Brasil” e “Mundo”, este último engloba a política internacional. No link “Brasil”, não encontramos nenhum editorial, apenas um espaço para colunistas. No link dos colunistas encontramos quatro colunas, em tais colunas, além da palavra dos jornalistas, a máxima interatividade oferecida pelo site é um e-mail de contato que sequer é do jornalista, é um e-mail que funciona como espaço de contato entre o site e o leitor, não entre o jornalista e o leitor. As demais colunas seguem todas esse mesmo padrão. Em suma, fora os blogs que já analisamos, nenhuma interatividade maior foi encontrada no portal da Folha Online. O único espaço que o internauta possui para colocar suas observações na Folha Online é o “Painel do leitor”, porém as mensagens devem ser encaminhadas a um e-mail, não são publicadas diretamente no site, de forma que não fica claro se todas as opiniões dos leitores são publicadas ou se somente algumas são selecionadas.

Além deste site, A Folha possui outro site, o da própria Folha de S. Paulo (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/>, 25/07/2007), que é a reprodução do jornal impresso que vai às bancas em uma versão digital. Neste site encontramos os editoriais que foram veiculados na versão impressa, que ficam dentro de um menu de opções intitulado “Opinião”, que traz as seguintes opções: Editoriais, Tendências/Debates, Painel o Leitor e Erramos, ainda existem *sublinks* que

³⁴ Ver “Jornalismo Sitiado”; Módulo: “Dos meios de comunicação de massa às gerações públicas generalizadas”.

remetem a editoriais específicos voltados para questões regionais de Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e Justiça e Política. Todas essas sessões são de acesso restrito para assinantes do UOL (empresa que compõe o grupo Folha da Manhã detentora da Folha de S. Paulo) ou do jornal impresso. Como sou assinante UOL, pude acessar tais sessões e comprovar que nenhuma delas oferece a mínima interatividade, sequer um e-mail para contato. Apenas a sessão “Painel do Leitor” oferece um e-mail para contato, fone/fax e endereço para envio de cartas, mas pelo número pequeno de inserções que encontramos em tal sessão, não dá para saber se todas as cartas/e-mails são efetivamente publicadas neste espaço.

Entramos na sessão “Tendências/Debates” na busca de enfim encontrar um espaço de trocas de idéias entre jornalistas e internautas. Tal espaço refere-se a colunas de cidadãos notórios que colocam sua opinião (uma coluna a cada edição do jornal) e, como o próprio site escreve, tem o intuito de “estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo”, porém não há espaço para comentários dos internautas, um e-mail de contato ao UOL e não à Folha de S. Paulo é máximo de interatividade que tal espaço oferece.

Sobre o resgate da esfera pública dentro dos sites da Folha de S. Paulo, a resposta é simples: inexistente. Veremos a seguir se tal lógica se segue nos sites do Estado de S. Paulo.

6.2 – Estadão.com.br

O portal do Estadão na Internet (<http://www.estadao.com.br>, 25/07/2007), possui um layout mais moderno e dinâmico que o da Folha Online, possui diversos recursos multimídia, *podcast* e um portal de acesso a Internet. Assim como o site da Folha Online, possui links que remetem às editoriais de assuntos nacionais e internacionais, que por sua vez levam às páginas com as principais manchetes de tais editoriais e um *sublink* que remete diretamente à uma página de política, entre opções de outros assuntos relacionados à esfera nacional. A editoria internacional é dividida em assuntos por regiões do planeta. O site apresenta diversas maneiras de se navegar, utilizando *tags* (ou palavras-chave, como, por exemplo, *morte de ACM*, *acidente*, *TAM*, *Pan*) relacionados aos assuntos de maior destaque, que reúnem todas as matérias relacionadas a tal assunto, essa navegação continua por todo site, assim dentro de cada notícia, novos *tags* que a relacionam com outras notícias ou ao próprio jornalista são apresentados (em matérias assinadas). Não encontramos colunas dentro das editoriais, mas existem manchetes que destacam os blogs dos jornalistas que comentam a editoria em questão, que são os mesmos blogs que analisamos no capítulo anterior. Em todas as notícias da editoria, existem espaços para comentários, porém, mais uma vez pouquíssimos foram encontrados, talvez pelo fato de ser necessário se cadastrar no site para fazer uso de tais

recursos. Não encontramos sessões editoriais dentro do portal Estadao.com.br, portando, jornalismo opinativo parece ficar por conta apenas dos blogs que, como foi colocado no capítulo anterior, cumprem as funções das colunas dos jornalistas. De forma sucinta, o site do Estadao.com.br parece ser a transposição das editoriais do jornal impresso acrescida dos recursos multimídia da Internet.

Além desse site, o Estadão possui outro site que é a reprodução on-line de sua versão do jornal impresso (<http://www.estado.com.br>, 25/07/2007). Todas as sessões do site são de acesso restrito aos assinantes do jornal ou do site. Porém o site oferece um link intitulado “Conteúdo Livre” que possui uma pequena seleção de notícias de todas editoriais do jornal que são de acesso livre a todos usuários. Porém o site não oferece nenhuma interatividade, sequer um e-mail de contato foi encontrado. Não encontramos também nenhum editorial e nenhuma coluna. Outro link, intitulado “Espaço Aberto”, é o único espaço que oferece conteúdo opinativo, mas não necessariamente político, existe também um “Fórum de Leitores”, outro espaço de acesso restrito para assinantes.

Não podemos atribuir o resgate da esfera pública tanto no site da Folha Online quanto no site do Estadao.com.br, porém fica claro que este último oferece mais recursos e facilita o acesso à informação. Em ambos os sites a ausência de debates ficou clara, além de poucas colunas opinativas, apenas alguns blogs cumprem tal papel. E também temos o fato de ambos os sites estarem inseridos dentro do contexto atual da mídia o qual já comentamos anteriormente neste estudo.

7 - A esfera pública conectada

O professor e estudioso da Internet, Sérgio Amadeu da Silveira, em palestra na Faculdade Cásper Líbero³⁵, trouxe à luz os estudos do norte-americano Yochai Benkler³⁶, que aponta para o surgimento de uma nova esfera pública através da Internet, ao qual ele chama de “esfera pública conectada”.

Benkler parte do paradigma de que o ambiente de redes interativas, ou seja, a Internet, gera uma economia baseada em fluxos organizacionais e isso caracteriza a comunicação da própria rede. Essa característica das redes, diz Benkler, alteram a esfera pública. Benkler defende que a rede é usada para se construir uma esfera pública com praticas radicalmente diferentes das encontradas no

³⁵ Palestra que fez parte do I Seminário do grupo de pesquisa “Comunicação, Tecnologia e Cultura de Rede”, cujo tema era: “Benkler e Lessig: Esfera pública conectada e a produção dos Commons”, ocorrida em 14/06/2007.

³⁶ Estudos que fazem parte do livro “*The Wealth of Networks: How Social Production Transforms Markets and Freedom*”.

mass media. Existe um potencial maior de criação de esfera pública na Internet do que nos tradicionais veículos que compõem o *mass media* (rádio, TV e jornais), pois a Internet tem um potencial mais democrático devido ao fato dela ser compartilhada e gerar o que chama de “*peer production*”. Diferentes camadas em diversos níveis de conversações e conexões podem gerar diferentes graus de eficiência e efeitos, que por sua vez trazem novos horizontes para uma esfera pública conectada.

Para exemplificar sua teoria, Benkler mostra como isso ocorre através de dois *cases*. O primeiro dele é o Boicote à Sinclair³⁷. Em 2004, durante o processo eleitoral norte-americano, onde George W. Bush foi reeleito, o dono da Sinclair – uma rede de televisão americana – juntou os seus editores para fazer um documentário sobre o adversário de Bush na campanha, o senador democrata John Kerry. O documentário visava focar de forma pejorativa e prejudicial à participação do candidato na Guerra do Vietnã, com o intuito óbvio de manchar a imagem de Kerry e favorecer Bush. A informação de tal documentário vazou da redação da televisão e causou indignação entre diversas pessoas, dentre elas estavam diversos jovens e blogueiros. Esses blogueiros, de forma não articulada, fizeram a notícia circular pela Internet e também criaram um site, o Boycott Sinclair. A iniciativa dos blogueiros se voltou para os anunciantes de rede Sinclair pedindo que esses retirassem seus anúncios, tal articulação gerou uma queda de receita da rede televisiva e a sua conseqüente desvalorização na bolsa de valores, foi pedido também a cassação da concessão de transmissão da Sinclair. Em função disso a Sinclair teve que retroagir e não veicular o documentário ante os prejuízos que teve e o furor do público. O caso mostra como o uso da Internet, através da disseminação de uma informação gerou uma ação reativa do público e o conseqüente estrangulamento econômico de uma empresa.

O outro *case* que Benkler nos traz, é o caso do sistema eletrônico da Diebolt³⁸. A Diebolt é uma empresa de softwares embarcados em máquinas (*ATM machines*) que cuidava das urnas eletrônicas nas eleições californianas. Uma blogueira defensora da transparência na condução de negócios públicos, o que incluía eleições, conseguiu através da Internet, baixar documentos da Diebolt. A massa de documentos continha muitas informações, incluindo diversos documentos criptografados. A blogueira então, distribuiu os documentos por e-mail para diversas pessoas pedindo que elas a ajudassem a descobrir do que se tratavam, já que ela não conseguiria sozinha fazer tal análise. A análise dos documentos por diversas pessoas levou a montagem de provas que colocavam em cheque o sistema eletrônico da Diebolt. Além disso, um *hacker* conseguiu baixar dos servidores da Diebolt um conjunto de e-mails da empresa com diversos fatos comprometedores e os publicou num site. A Diebolt, baseando-se na lei de proteção ao *copyright*, reivindicou a posse de

³⁷ Ver <http://boycottsinclair.blogspot.com/>.

³⁸ O site oficial da Diebolt está hospedado no endereço: <http://www.diebold.com/>.

tais e-mails e conseguiu a retirada do site da Web. Porém o *hacker* distribuiu os e-mails da Diebolt por diversos computadores através da Internet utilizando-se de uma plataforma *Bit Torrent*³⁹. As pessoas tiveram acesso a tais e-mails e, isto somado com as provas montadas através dos documentos da Diebolt, descredenciou a empresa e suas urnas nas eleições da Califórnia. Aqui temos um exemplo de compartilhamento do conhecimento e da informação, fruto de uma ação investigativa com conseqüências diretas sobre uma empresa privada, com reflexos dentro de um processo eleitoral que só foi possível pela existência de uma rede interativa e compartilhada como é a Internet.

Nesses dois casos, vemos que o público desvenda uma manipulação política e vai a busca das providências cabíveis. O público é quem acessa a informação e a dissemina ao próprio público, não um jornal ou qualquer outro tipo de veículo de mídia, um fato novo dentro do contexto de esfera pública.

Na sua análise da Internet dentro deste conceito de esfera pública, Benkler coloca alguns fatos que precisam ser destacados. Em primeiro lugar ele diz que o poder dos proprietários dos veículos de *mass media* é realmente um fato, em relação a isso a Internet é um veículo que pode exercer um contra-poder aos *mass media*. Em suma, dentro do que vimos no capítulo sobre o fim da esfera pública, o *mass media* tem relação direta com o fim da esfera pública, nessa relação de poder e contra-poder fica claro que, enquanto o *mass media* **mata** a esfera pública, a Internet **resgata** a esfera pública. Outro fato que Benkler destaca em relação à Internet e a esfera pública, é que a esfera pública conectada é diversa ao conceito que até então temos de esfera pública, e ela permite diversos modos de articulação por grupos distintos e separados geograficamente em processos não coordenados. A Internet, em oposição aos *mass media*, trabalha com o conceito do “*see for yourself*”⁴⁰, fundamental para a criação de uma opinião pública não manipulada, capaz assim de decidir os seus rumos com informações confiáveis e verificáveis, o que nos leva diretamente ao conceito que nos trouxe Eugênio Bucci⁴¹, onde na Internet é mais fácil se chegar na informação ou ao obstáculo que nos separa da informação (e neste caso, um bom *hacker* pode transpor esse obstáculo, como vimos), a Internet aproxima o usuário das fontes e permite a interação e o compartilhamento das informações entre eles.

Por fim, Benkler fala sobre os efeitos da esfera pública conectada nas sociedades neoliberais. Em primeiro lugar, tal esfera que se forma a partir da Internet permite a emergência de novos atores não-comerciais dentro do cenário da mídia (como os blogs, por exemplo) e, o

³⁹ BitTorrent é um protocolo que permite aos utilizadores de tal serviço fazerem *download* de arquivos indexados em websites.

⁴⁰ “Veja você mesmo”, conceito oposto ao dos *mass media* que é “*trust me*”, ou seja, acredite em mim.

⁴¹ Ver capítulo 4.

engajamento nas atividades mediatizadas pela Internet é muito maior em relação ao do observador passivo dos veículos de *mass media*.

Tanto nas colocações de diversos jornalistas que vimos nos capítulos anteriores que colocam a Internet como uma fonte que enriquece o acesso às informações, quanto nos conceitos e *cases* de Benkler sobre a esfera pública conectada, onde em tais *cases* podemos afirmar que, no mínimo, uma esfera pública temporária foi criada, nos mostram que de fato a Internet é o caminho para o resgate da esfera pública. Porém, existem problemas que cerceiam a Internet como resgate da esfera pública e isso é o que veremos no capítulo a seguir.

8 – Objeções

As primeiras objeções que colocamos vem em cima dos exemplos de esfera pública dentro dos conceitos que estudamos de Jürgen Habermas. Vimos que dentro do conceito de Habermas, um dos exemplos de esfera pública se formou dentro do contexto histórico da Revolução Francesa. Diversos estudiosos vão contra a tese de Habermas e afirmam que não existia esfera pública em torno da Revolução Francesa, e sim uma “manipulação da opinião pública” ou uma “propaganda política”. Dentre os estudiosos que defendem essa idéia, está a jornalista revolucionária francesa Camille Desmoulins (1760-1794) que, segundo colocações na obra de Briggs e Burke, introduziu tal idéia ainda naquela época: “(...) Camille Desmoulins (...), por exemplo, comparou ‘a propagação do patriotismo’ com a do cristianismo, enquanto os monarquistas no exílio denunciavam a ‘propaganda’ da Revolução” (2006, 105). E, segundo Briggs e Burke, tal colocação se refere a “(...) mobilização consciente da mídia com objetivo de mudar atitudes pode ser descrita como propaganda” (2006, 105).

Outro estudioso que vai contra a ideal de imprensa opinativa que fez parte da esfera pública francesa no século XVIII, é o jornalista Eugênio Bucci⁴², embora não fale em “manipulação da opinião pública”, Bucci contraria o conceito de jornalismo opinativo e exemplifica sua idéia através da Revolução Francesa, colocando que o jornalismo de opinião no seu início durante o século XVIII era um veículo de propaganda das idéias iluministas, e o jornalismo deve ser um veículo isento de informação para que o público chegue as suas próprias conclusões.

Já o estudioso Venício Lima⁴³, coloca que o próprio Habermas admite que o modelo de esfera pública que ele estudou só pode ser aplicado dentro do contexto da sociedade inglesa do século XVIII, e não pode ser aplicado para o atual contexto da mídia. Segundo Lima, nada do que

⁴² Ver “Jornalismo Sitiado”; Módulo: “O papel da mídia na sociedade digital”.

⁴³ Ver “Jornalismo Sitiado”; Módulo: “A lógica do espetáculo sobre a lógica de imprensa”.

ocorria no século XVIII pode ser aplicado no papel atual da imprensa, sobretudo no Brasil. Tal colocação vai diretamente contra com parte deste estudo, onde tentamos buscar na Internet uma esfera pública dentro dos moldes traçados por Habermas. Apesar disso, nada nos impede de ousar e tentar contrariar tais figuras notórias, além do mais, pelo que vimos nos estudos da esfera pública conectada de Yochai Benkler, a Internet é uma mídia que tem características muito distintas dos *mass media*, e por isso ela tem capacidade de resgatar a esfera pública, e se não o faz dentro do *modelo* de Habermas, poderá fazê-lo ao menos dentro dos *ideais*. Porém, concordamos com Lima que o modelo de Habermas não poderia ser aplicado à mídia no Brasil, e nem mesmo as colocações de Benkler sobre a esfera pública conectada pois, como vimos, tais estudos de Benkler se fizeram em cima do cenário da sociedade norte-americana que possui um modelo de mídia diferente do nosso, onde a liberdade de expressão é o pilar mais forte que sustenta essa mídia. O estudo preliminar que fizemos nos blogs de notórios jornalistas e dos grandes jornais paulistanos na Internet não nos indicou o mínimo traço de uma esfera pública, o que nos leva a imaginar que o Brasil ainda precisa evoluir muito para um dia conseguir dar à luz a uma esfera pública conectada.

Outras objeções sobre este estudo recaem em cima do conceito de esfera pública conectada de Benkler, e é o próprio Benkler quem traz a tona tais objeções. São basicamente cinco objeções que ele faz em relação à Internet e a esfera pública conectada, a primeira dela se refere ao fato de tal esfera pública ser mais democrática, ou seja, é uma mídia que, ao contrário dos *mass media*, de onde a mensagem é irradiada de um (ou poucos) para todos, na Internet a comunicação é de todos para todos. Se temos uma mídia onde todos são emissores e receptores, como a Internet o é, esta pode criar um efeito que Benkler intitula de “Objeção da Torre de Babel”: onde existe muita gente falando, ninguém consegue se ouvir. Muitos sites, muitos blogs etc, gera uma dispersão na informação, o que vai contra a idéia de esfera pública, pois esta precisa de “locais de encontro”, caso contrário ninguém se entende. Nesse caso, fica claro que quem tem mais capital é quem vai ter mais capacidade de ser ouvido e, além disso, vários grupos falando e trocando idéias entre si cria uma tendência extremista e não um diálogo saudável e ponderável, o que mataria a esfera pública. Por outro lado a Torre de Babel pode gerar debates via Internet que jamais ocorreriam em outro lugar, um simples e-mail, por exemplo, pode mobilizar milhões de pessoas (em com custos infinitamente menores).

Outro fator que pode acabar com a esfera pública conectada é, por ironia, um fator que está na contramão do efeito da Torre de Babel, que é a centralização e concentração das atenções na Internet por meio de “pontos comuns de encontro”, onde milhares de pessoas se utilizam dos mesmos serviços, sites e ferramentas de comunicação, tais como Google, Youtube, MSN etc, que se tornam assim, locais de concentração. Nesse caso, quem controla tais ferramentas/sites, controla a comunicação. Isso se agrava quando as pessoas passam a só dar atenção aos “*top sites*”, dessa forma

estaríamos replicando na Internet o mesmo modelo do *mass media*. Tal fato é uma característica da própria Internet⁴⁴, onde as pessoas querem participar dos espaços que tem mais pessoas conectadas e que permite maior troca de informações, pois têm em si protocolos comuns de comunicação. Nesse caso, quem controla tais protocolos, pode controlar a Internet exercendo monopólio sobre esses protocolos. Existe também o risco de surgirem monopólios sobre a própria infra-estrutura da rede e, sob esse tipo de monopolização, o preço de acesso e provimento de informação na Internet pode subir e desaviabilizar a Internet como rede de acesso de baixo custo e democrática.

Outro problema, segundo Benkler, diz respeito à função que ele chama de "cão de guarda", onde sob o paradigma da liberdade de imprensa, os veículos de *mass media* exercem uma função de vigília sobre o que concerne ao interesse público (como, por exemplo, a revista Veja, o jornal Folha de S. Paulo, o Jornal Nacional etc). Na Internet, tal função estaria dispersa, fragmentada. Mas neste caso, enfatiza Benkler, se é possível termos na Internet pessoas trabalhando cooperativamente (como, por exemplo, na enciclopédia global Wikipedia), essa função, então, ao invés de ser exercida por poucos veículos de *mass media*, pode ser cumprida por milhões de usuários espalhados pela rede, com milhares de "cães de guarda", os próprios *cases* levantados por Benkler exemplificam isso.

As objeções finais que Benkler coloca dizem respeito ao fato da Internet poder ser filtrada, nesse caso países autoritários poderiam censurar conteúdos da rede ou até mesmo espionar as pessoas através da Internet, no Brasil temos um exemplo disso quando a justiça bloqueou o site Youtube. Por fim, o problema final da Internet seria a exclusão digital, onde pessoas excluídas da Internet inviabilizariam uma esfera pública conectada numa amplitude mais democrática.

Outra objeção que pode matar a esfera pública conectada quem traz a tona é o estudioso Lawrence Lessig⁴⁵, e vai diretamente contra o conceito de Habermas de onde a esfera pública surge das relações entre as pessoas privadas. Partindo do paradigma de que a Internet será o principal veículo de mídia no futuro, Lessig coloca que, neste caso, serão os intermediários da rede que irão mediatizar o diálogo na Internet, esses intermediários serão as pessoas/empresas que terão o domínio técnico dos protocolos, códigos e softwares utilizados pela rede e seus usuários. Lessig coloca que as pessoas comuns não sabem nada a respeito e nem tem interesse em conhecer tais protocolos e, sem conhecer tais protocolos, ficam de fora de qualquer discussão que englobem o próprio veículo de comunicação, ou seja, as pessoas não sabem lidar com os problemas técnicos e de infra-estrutura de rede que podem atrapalhar o diálogo e a própria esfera pública. No futuro

⁴⁴ A Internet quando surgiu, era uma entre outras redes computacionais que existiam, e acabou prevalecendo justamente pelo fato de ser a que acabou crescendo mais, ou seja, quanto mais pessoas ela tinha, mais pessoas ela atraía. *N. do A.*

⁴⁵ Lawrence Lessig é um estudioso que defende a "cultura livre", é fundador da *Creative Commons*, uma licença de produção cultural e intelectual que se baseia no livre compartilhamento do conhecimento.

então, a discussão da esfera pública partirá não das relações na esfera privada, e sim de uma esfera ao qual as pessoas comuns não têm acesso, a esfera dos técnicos e programadores da grande rede.

O paradigma então, para efetivamente termos uma esfera pública conectada através da Internet é não permitir monopólios e controles sobre a sua infra-estrutura e seus protocolos, de modo que essa intermediação não interfira no diálogo e nos debates através da grande rede.

Considerações Finais

Anos atrás, estava eu passeando pela cidade do Guarujá, litoral paulista, onde, numa região badalada da cidade, percebi um novo bar estava instalado em uma esquina movimentada. O bar era grande, com espaços amplos que ocupavam dois andares e um imenso terraço na parte superior, de fora se podiam observar várias mesas, um grande palco para shows, com pista de dança, um imenso balcão e um batalhão de garçons prontos para servir os clientes. No entanto, o bar estava vazio, poucas mesas estavam ocupadas. Nos dias que se seguiram, toda vez que eu passava pelo bar a cena era a mesma, o bar sempre praticamente vazio, a banda que tocava para poucos clientes, com o passar dos dias, sequer se apresentava mais. No verão do ano seguinte, ao passar pela mesma esquina, o bar já não existia mais.

A Internet como resgate da esfera pública se apresenta da mesma forma que o bar descrito, tem todas as condições como meio comunicacional para resgatar a esfera pública e ser o palco de debates onde os cidadãos conectados poderão discutir os rumos da sociedade, assim como o tal bar descrito tinha condições de atender aos seus clientes. Como vimos nos exemplos da esfera pública conectada, alguns fatos já demonstram esse potencial, mas para que essa esfera pública cresça e se torne de fato uma instituição como vimos no exemplo da esfera pública inglesa e a sua atuação sobre o Parlamento inglês, muita coisa ainda precisa ser feita. Não basta termos o espaço se as pessoas não o utilizarem para fins diferentes do que muitos o utilizam, é preciso que as pessoas explorem o potencial comunicacional da Internet de forma que ela de fato se torne uma esfera pública permanente em nossa sociedade. Sobre o exemplo descrito acima poderíamos dizer, é preciso que as pessoas entrem no bar, sentem-se à mesa e desfrutem do ambiente. Além disso, é preciso que a sociedade não permita que os grandes tubarões da mídia e das empresas de telecomunicações, ou mesmo os governos, exerçam monopólio sobre a rede ou altere os protocolos comunicacionais que hoje beneficiam a comunicação todos-todos e as iniciativas de diversas pessoas que utilizam a grande rede, é preciso também que a Internet cresça mais e inclua o máximo de pessoas possível, quiçá todos os cidadãos do planeta possam ter acesso a ela, de modo que a “exclusão digital” seja algo que não faça mais parte das sociedades.

Feito isso, a Internet, que hoje já apresenta essa potencialidade, sem dúvida será o meio comunicacional que resgata a esfera pública, se não, talvez a formação dessa esfera seja o mesmo daquele falido bar no Guarujá.

Bibliografia

BRIGGS, Asa & **BURKE**, Peter. *Uma história social da mídia – De Gutenberg à Internet*. São Paulo: Zahar, 2006.

COSTELLA, Antonio F. *Comunicação – Do grito ao satélite*. Campos do Jordão-SP: Mantiqueira, 2001.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

Jornalismo Sitiado. Curadores: Eugênio **Bucci** e Sidnei **Basile**. LogOn: São Paulo, 2007.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

LIMA, Venício A. *Mídia, Teoria e Política*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. *Benkler e Lessig: Esfera pública conectada e a produção dos Commons in I Seminário de Comunicação, Tecnologia e Cultura de Rede*. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 14/06/2007.

Bibliografia complementar

CONTI, Mario Sergio. *Notícias do Planalto – A Imprensa e Fernando Collor*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

O Brasil muito além do Cidadão Kane. Simon **Hartog**. Londres: canal 4 – BBC, 1993.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão. A vida pelo vídeo*. São Paulo: Moderna, 1992.

PINHO, J. B. *Jornalismo na Internet*. São Paulo: Summus, 2003.

SARTORI, Giovanni. *Homo-Videns. televisão e pós-pensamento*. Bauru: EDUSC, 1997.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortês, 2002.

ANEXOS

O Globo Online - Ricardo Noblat - Poema da noite - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Endereço <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/> Ir

O GLOBO ONLINE PAÍS

Notícias Web

RIO DE JANEIRO MÍN.: 14°
Outras cidades: MÁX.: 32°

CAPA PLANTÃO MEU GLOBO ONLINE BLOGS GLOBOONLINERS EU-REPÓRTER MULTIMÍDIA ESPECIAIS CLASSIFICADOS ZAP JORNAL O GLOBO GUIAS E SERVIÇOS

PAÍS RIO SÃO PAULO ECONOMIA MUNDO CIÊNCIA ESPORTES CULTURA OPINIÃO EDUCAÇÃO SAÚDE TECNOLOGIA VIAGEM EXTRA ONLINE DIÁRIO DE SÃO PAULO

 **Blog do NOBLAT** | Brasília, 24 de julho de 2007

- Regras do Blog
- Perfil do Noblat
- Publicações do Noblat

BUSCA Ok

PÁGINA PRINCIPAL
ARTIGOS
ENTREVISTAS
VALE A PENA ACESSAR
ARQUIVO DO BLOG
PODCAST

LEIA EM O GLOBO
[A última coluna do Noblat](#)

DESABAFE

FRASE DO DIA

Um funeral dura 24 horas. Nós estamos vivendo o velório há cinco dias.

Diógene Cunha, advogada, mãe de Rodrigo, passageiro do voo 3054

Enviado por Ricardo Noblat - 23.7.2007 | 23h59m

Poema da noite

Final

Pablo Neruda

[Tradução de Anderson Braga Horta]

Matilde, anos ou dias

VARIG
www.varig.com.br

ENQUETE

O que você acha que deve ser feito com o aeroporto de Congonhas?

- Deve ser fechado para sempre
- Deve continuar operando normalmente
- Deve ser fechado até que sejam resolvidos todos os seus problemas

Abrindo página [http://oglobo.globo.com/pais/noblat/...](http://oglobo.globo.com/pais/noblat/) Internet

Iniciar Pedro Luiz Internet e a Esfera P... O Globo Online - Rica... 00:35

Folha Online - Blogs - Josias de Souza - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Endereço <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/> Ir

BLOGS DA FOLHA
FOLHAONLINE



JOSIAS DE SOUZA

nos bastidores do poder

23/07/2007

Encharcada, cabeceira da pista de Congonhas cedeu

Rogério Cassimiro/Folha



A recém-reformada pista de Congonhas será submetida, nos próximos dias, a novas obras. O governo promete acelerar a abertura das frinchas que facilitam a drenagem do asfalto –o agora famoso grooving, segundo se dizia, eram dispensáveis. Em vez de apenas de sulcar o asfalto, talvez fosse recomendável que os operários cavoucassem mais profundamente. Parece haver nos subterrâneos da pista do aeroporto mais movimentado do país uma caveira de burro.

A maldição de Congonhas voltou a se manifestar nesta segunda-feira (23). A canaleta que dá vazão às águas que São Pedro despeja sobre o aeroporto cedeu, desencadeando um [deslizamento](#) na cabeceira da pista principal. Segundo a Infraero, a terra cedeu como consequência da tragédia com o Airbus da TAM. Logo vai, logo vem a Infraero deu

PERFIL



Josias de Souza, 44, é colunista da **Folha de S.Paulo**.

BUSCA NO BLOG

SITES RELACIONADOS

- [Folha Online](#)
- [UOL - O melhor conteúdo](#)
- [BOL - E-mail grátis](#)
- [Transparência Brasil](#)

BLOGS DA FOLHA

- [Blog do Duilio](#)
- [Cacilda](#)

Concluído, mas contém erros na página.

Internet 00:52

Folha Online - Blogs - Blog da Soninha - Microsoft Internet Explorer

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Endereço <http://blogdasoninha.folha.blog.uol.com.br/> Ir

UOL ASSINE BUSCA Web Notícias OK ÍNDICE PRINCIPAL

BLOGS DA FOLHA **FOLHAONLINE**

blog da soninha

19/07/2007

Monstruosidade - I

Aos que chegaram a ler o comentário postado comemorando a morte de um tucano, peço desculpas. Ele nunca deveria ter sido publicado. Quando os comentários se acumulam demais, aprovo todos para que sejam logo tomados públicos, mesmo que não tenha tempo de respondê-los. (Às vezes o tempo passa e eu acabo não respondendo nenhum). Mesmo os mais grosseiros, do tipo "relaxe e goze" e "relaxe e morra", como há vários aqui. Por norma, só não publico obscenidades *stricto sensu*. O resto, um retrato de como as pessoas pensam, deixo passar. Mas às vezes corro os olhos tão rapidamente antes de aprová-los que acabo aprovando, sem perceber, um comentário lamentável, monstruoso, inadmissível, como o que citei acima. Um pavoroso sinal de como temos lidado com a política. Já o tirei do ar.

Há quem me acuse de "censura", especialmente quando, por razões práticas (distância do computador), demoro a aprovar um comentário. Com um mínimo de atenção, quem acusa veria que não "fujo das críticas", como dizem também. Elas estão aí, às dezenas. Há quem reclame justamente do fato de eu, como editora deste blog, não vetar os comentários mais pesados, violentos, ofensivos, que causam repulsa nas pessoas.

É importante saber que tem gente que, em um debate, escolher ofender, desqualificar, de um lado e de outro, a meu favor ou contra mim. Também não gosto de baixarias a meu favor – sinceramente, não acrescentam nada. Mas

PERFIL

 **Sonia Francine Gaspar Marmo**, a Soninha, 39, é vereadora de São Paulo pelo PT e também colunista da **Folha de S. Paulo**.

BUSCA NO BLOG

- [Página principal](#)
- [O que tem tocado...](#)
- [Dos outros...](#)
- [Qualquer coisa...](#)
- [Reminiscências...](#)
- [Colunas publicadas na Folha de S. Paulo](#)
- [Regras](#)

SITES RELACIONADOS

- [Meu site](#)
- [Folha Online](#)

Concluído Internet

Iniciar Pedro Luiz Internet e a Esfera P... Internet Explorer 01:17

[O ESTADO DE S. PAULO](#)
[JORNAL DA TARDE](#)
[AGÊNCIA ESTADO](#)
[ELDORADO AM](#)
[ELDORADO FM](#)
[iLOCAL](#)
[CLASSIFICADOS ZAP](#)
[LOGIN](#)

São Paulo TEMPO ▼17°C ▲24°C CÂMBIO Comercial ▲2.070 Paralelo ▼1.862

24 de Julho de 2007 | Atualizado às 02:23h

[PRIMEIRA PÁGINA](#)
[NACIONAL](#)
[INTERNACIONAL](#)
[CIDADES](#)
[ESPORTES](#)
[ARTE & LAZER](#)
[ECONOMIA](#)
[TECNOLOGIA](#)
[VIDA&](#)
[SUPLEMENTOS](#)
[MEU ESTADÃO](#)

[ÚLTIMAS NOTÍCIAS](#) | [MAIS VISTAS](#) | [TAGS](#)

[FOTOS](#)
[VÍDEOS](#)
[PODCASTS](#)
[BLOGS](#)
[ESPECIAIS](#)
[WEBMAIL](#)

BLOGS

DANIEL PIZA

CULTURA, FUTEBOL E, VÁ LÁ, POLÍTICA



Daniel Piza é colunista de O Estado de S.Paulo. Site: www.danielpiza.com.br

BUSCA NO BLOG »

Todas as Palavras
 Qualquer Palavra
 Toda a frase

ARQUIVO »

- Julho 2007 (26)
- Junho 2007 (41)
- Maiο 2007 (16)
- Abril 2007 (47)
- Março 2007 (51)

20.07.07

☐ Morre um oligarca, não a oligarquia

por Daniel Piza, Seção: [política](#) s 12:57:08.

Ouvia o rádio no carro e soube da morte de Antonio Carlos Magalhães. No Brasil, já escrevi, morrer faz muito bem à reputação. Dizer que ACM "modernizou a Bahia" e que seu filho Luís Eduardo seria um "ACM moderno", como se fosse elogio político, é um equívoco. ACM era o tipo de oligarca que mistura paternalismo e autoritarismo e vem dos tempos da República Velha; era um homem muito, muito rico, sobre quem pesavam suspeitas escabrosas, e que em mais de um episódio se mostrou, digamos, amigo das forças ocultas. Apoiou os militares, dominou a mídia regional, participou de inúmeras armações parlamentares. Espalhou seu nome por toda a Bahia, em muitas obras públicas, colheu abraços de artistas como Caetano Veloso e elogios de jornalistas "de esquerda", e os tucanos fizeram com ele o principal pacto para chegar ao poder. Nada disso significa que a Bahia e o Brasil não

BUSCA »

Patrocinado por:

Publicidade:



PUBLICIDADE

Links Patrocinados

BLOGS

JOSÉ MARCIO MENDONÇA

A POLÍTICA COMO ELA É



José Marcio Mendonça é jornalista, analista de Assuntos Nacionais da Rádio Eldorado e apresentador e entrevistador do programa "A Palavra de Quem Decide"

23.07.07

O governo quer retomar a ofensiva

por José Marcio Mendonça, Seção: Política s 05:32:26.

Esta semana também deve ser marcada pela tragédia do Airbus da TAM e a crise aérea. Ainda mais depois da pane no Cindacta 4 na madrugada de sexta-feira, responsável, segundo as autoridades, pela cascata de atrasos de voês e decolagens em todo o país no sábado e no domingo. Viu-se, de uma vez por todas, que o problema não está apenas nos controladores de vôo ou no Aeroporto de Congonhas.

As primeiras medidas para desafogar Congonhas, anunciadas na sexta-feira por um governo que ficou três totalmente atarantado, foram consideradas positivas; porém insuficientes para debelar de vez o caos aéreo. Infelizmente, parece que quem tinha razão é o brigadeiro José Carlos Pereira, da Infraero: há pouco mais de um mês ele disse, num rasgo de sinceridade, que a situação só voltaria ao normal em um ano.

O governo deve continuar reagindo esta semana, para sair da defensiva. A reunião do Conselho Político hoje pela manhã no Palácio do Planalto

BUSCA >>

Patrocinado por: zap

Publicidade:

CHEGOU O NOVO ESTADAO.COM.BR, AGORA COM AJUSTE NO TAMANHO DO TEXTO.



PASSE O MOUSE

PUBLICIDADE

Links Patrocinados

Arquivo Vivo
Acesse seus Documentos de Qualquer Lugar, com Rapidez e

BUSCA NO BLOG >>

Todas as Palavras
 Qualquer Palavra
 Toda a frase

- ARQUIVO >>
- Julho 2007 (31)
 - Junho 2007 (47)
 - Mai 2007 (65)
 - Abril 2007 (81)
 - Marco 2007 (78)

ESTADO DE S. PAULO JORNAL DA TARDE AGÊNCIA ESTADO ELDORADO AM ELDORADO FM iLOCAL CLASSIFICADOS ZAP LOGIN

estadao.com.br São Paulo 17°C 24°C Comercial 2.070 Paralelo 1.862 O ESTADO DE S. PAULO digital

24 de Julho de 2007 | Atualizado às 02:43h

PRIMEIRA PÁGINA NACIONAL INTERNACIONAL CIDADES ESPORTES ARTE & LAZER ECONOMIA TECNOLOGIA VIDA& SUPLEMENTOS MEU ESTADÃO

ÚLTIMAS NOTÍCIAS | MAIS VISTAS | TAGS | FOTOS VÍDEOS PODCASTS BLOGS ESPECIAIS WEBMAIL

BLOGS

MARCOS GUTERMAN

POLÍTICA INTERNACIONAL, HISTÓRIA E ALGUMAS COISAS LEGAIS



Marcos Guterman é jornalista, historiador e editor do estadao.com.br

BUSCA NO BLOG >>

Todas as Palavras
 Qualquer Palavra
 Toda a frase

OK

ARQUIVO >>

- Julho 2007 (21)
- Junho 2007 (26)
- Maio 2007 (33)
- Abril 2007 (34)
- Março 2007 (43)
- Fevereiro 2007 (37)

23.07.07

Diz-me com quem andas...

por Marcos Guterman, Seção: **Oriente Médio, Estados Unidos** s 17:57:13.

Rudolph Giuliani, um dos mais fortes pré-candidatos republicanos à sucessão de George W. Bush, escolheu Norman Podhoretz como seu principal conselheiro para política externa. Podhoretz é um dos astros do neoconservadorismo americano e recentemente escreveu um **artigo** defendendo que os EUA ataquem o Irã já.

30 comentários

BUSCA >>

ok

Patrocinado por: zap

Publicidade:



PUBLICIDADE

Links Patrocinados

Livre - Telefone Fixo
Telefone com secretária

← → × ↻ 🏠 🔍 ☆ 🌐 📧 🖨️ 📄 👤

OB PESQUISAR BLOG SINALIZAR BLOG Próximo blog> Criar um blog | Login

O BARNABÉ

QUARTA-FEIRA, JUNHO 20, 2007

Chávez ameaça não entrar no Mercosul



Venezuela não está interessada em entrar no 'velho' Mercosul, diz Chávez

O presidente afirmou que a Venezuela "não está desesperada" para aderir ao Mercosul, defendeu uma integração sul-americana baseada no interesse dos povos e disse que o Governo dos Estados Unidos "divulga uma campanha de desinformação"

ATENDIMENTO AO CIDADÃO:
obarnabe arroba bol ponto com ponto br

OUTRAS REPARTIÇÕES:

- Alexandre Soares Silva
- Becker-Posner blog
- Crônica do Explorador...
- Dr. Plausível
- Filthy McNasty
- Greg Mankiw's blog
- Liberal Libertário Libertino
- Marginal Revolution
- O Hermenauta
- Rafael Galvão
- uma malla pelo mundo

POSTS PRÉVIOS:

- Chávez ameaça não entrar no Mercosul
- wow!
- xô, política industrial
- "Aumento aliviará contas do PT, diz tesoureiro"
- Venezuela, rumo ao Brasil de 1986

Internet

The screenshot shows a web browser window with a dark theme. The browser's address bar contains the text 'PESQUISAR BLOG', 'SINALIZAR BLOG', and 'Próximo blog'. The page title is 'POLITICA PURA' with the subtitle 'BLOG DE DEBATE POLITICO'. The main content is a blog post dated 'QUINTA-FEIRA, AGOSTO 17, 2006' with the title 'A União Europeia e os Fogos Florestais'. The text discusses forest fires in Europe, mentioning statistics for Portugal and Galicia. On the right side, there is a section 'ACERCA DE MIM' featuring a profile picture of Nuno Gomes Ferreira and a list of links to various news and official sites.

POLITICA PURA
BLOG DE DEBATE POLITICO

QUINTA-FEIRA, AGOSTO 17, 2006

A União Europeia e os Fogos Florestais

De 31 de Julho a 14 de Agosto, a cartografia dos incêndios de extensão superior a 50 hectares por imagens de satélite aponta para um aumento das áreas ardidas de 13 591 para 49 881 ha em Portugal e de 2 241 para 88 473 ha na Galiza. A 31 de Julho, os incêndios florestais destruíram já mais de 64 500 ha de floresta na UE. Esta informação, transmitida pelos Estados-Membros e que se reporta, foi compilada graças ao Sistema de Informação sobre Incêndios Florestais na Europa (EFFIS), criado pela Comissão Europeia e cujo objectivo consiste no acompanhamento do risco de incêndio nas florestas da Europa, fornecendo aos Estados-Membros um instrumento de alerta precoce e de avaliação rápida dos danos. Após um início bastante calmo do período dos incêndios nas regiões mediterrânicas, verificou-se no início de Agosto um aumento acentuado dos incêndios e das áreas ardidas, sobretudo na Galiza (Espanha) e em Portugal. Por outro lado, no Norte da Europa, registou-se um risco invulgarmente elevado de incêndio em certas regiões na Primavera e no início do Verão. Os valores para 2006 estão até agora muito aquém dos 610 000 ha (i.e., o dobro da área do Luxemburgo) ardidos em 2005, mas a época de incêndios não terminou ainda.

O Centro Comum de Investigação da Comissão Europeia, responsável pela gestão do EFFIS, faz desde o início do ano previsões regulares dos riscos de incêndio e cartografa as zonas ardidas. Os mapas de risco de incêndio são enviados diariamente aos Estados-Membros interessados, auxiliando-os a prever o risco de incêndio florestal nos seus territórios.

As previsões para este ano apontam para uma situação que é, em

ACERCA DE MIM

NUNO GOMES FERREIRA

Nuno Gomes Ferreira worked ten years in Portuguese Ministry of Finance. Was portuguese representative in Fiscalis Program (cooperation in fiscal domain). Consultant and researcher in State Aid programs. Presently runs the Post Graduation Studies (Management) in Évora University

[VER O MEU PERFIL COMPLETO](#)

LINKS

- Agência Lusa
- Público
- Diário de Notícias
- Jornal de Notícias
- Expresso
- Diário Económico
- Forúm DE - Política e Economia
- Semanário Económico
- PEV Site Oficial
- BE Site Oficial
- PCP Site Oficial
- PS Site Oficial
- PU Site Oficial

Zé Dirceu
 Um espaço para a discussão do Brasil

HOME
BLOG DO ZÉ
JUVENTUDE
ENTREVISTA
CONVIDADO
ARTIGOS DO ZÉ
TRAJETÓRIA
CLIPPING
DEFESA
CONTATO

blog do Zé Dirceu
 julho, 2007
 junho, 2007

POLÍTICA DO BLOG
 Obrigado por seu comentário. Este blog é mediado. Não serão publicados comentários com palavras de baixo calão, denúncias levianas e troca de ofensas entre leitores.

21/07/2007 18:40
Aos leitores
 A partir de hoje, saio de férias por uma semana. O blog ficará fora do ar até o dia 29, retornando na segunda-feira, dia 30 de julho. [ler mais \(+\)](#)
 Comentários [24] E-mail

21/07/2007 16:40
Assegurando conquistas e ampliando horizonte
 "A temática de juventude vem ganhando considerável espaço na agenda pública do país, ora por conta da violência, ora pela necessidade urgente de se criar ações de sociabilidade e resgate social". [ler mais \(+\)](#)
 Comentários [2] E-mail

21/07/2007 15:40
O ataque da Igreja a Chávez
 A cúpula da Igreja da Venezuela, a Assembléia Episcopal e a de Bispos e Arcebispos, fez o mais frontal ataque ao governo de Hugo Chávez. [ler mais \(+\)](#)
 Comentários [14] E-mail

21/07/2007 14:40
Ainda a nova regra de cálculo da TR
 A matéria "Com nova fórmula, TR poderá voltar a aumentar", na Folha de hoje (só para assinantes), confirma nossa avaliação de ontem mostrando que a matéria do Globo dizia o contrário. [ler mais \(+\)](#)
 Comentários [2] E-mail

Concluído Internet